

Desemprego, dólar e carestia disparam

Presidente corrupto e incapaz abala câmbio e afunda a economia

Presidente corrupto e incapaz abala câmbio e afunda a economia

Presidente corrupto e incapaz abala câmbio e afunda a economia

HORA DO POVO

ANO XXVIII - Nº 3.640 13 e 14 de Junho de 2018



Monteiro sobe de novo preço da gasolina na refinaria: 1,8%

Com Ivan Monteiro, governo mantém política que beneficia múltis e extorque povo. P.2

PGR investigará Renan e mais 8 por propina que o PT pediu para JBS dar a PMDB

A procuradora-geral da República, Raquel Dodge, confirmou ao STF a abertura de inquérito contra seis senadores do PMDB, o ministro do TCU, Vital do Rêgo, e os ex-ministros Helder Barbalho (PMDB) e Mantega (PT). Segundo o executivo Ricardo Saud, do grupo JBS, a propina de R\$ 46 milhões foi um pedido do PT para azeitar o apoio de peemedebistas à Dilma, em 2014. **Página 3**

Trump esculhamba premier canadense e garante fracasso da reunião do G-7

O presidente Trump xingou o anfitrião da cúpula do G7, o primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau, de "desonesto e fraco", após sair mais cedo. "É deprimente", declarou Merkel. **Página 7**

REAL BRASIL

Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Governo desacreditado promete pôr US\$ 115 bi na especulação de dólar

Na quarta-feira, o presidente do BC, Ilan Goldfajn, disse, em evento do banco norte-americano Goldman Sachs, que poderá colocar à disposição dos bancos que especulam com o dólar mais do que "os valores máximos utilizados no passado, US\$ 115 bilhões" - que foi o que o governo Dilma injetou no mercado do dólar. No mesmo dia, e com o gasto de US\$ 2,5 bilhões, o dólar aumentou outra vez. O problema reside em um governo que é meramente uma quadrilha, que ninguém respeita, e que está levando o país a uma convulsão. **P. 2**



Política alucinada de preços do combustível e gás fez a crise econômica degingolar

A greve dos caminhoneiros foi uma consequência da destruição que esse governo tem operado no país. O detonador que intensificou a crise foi, não a greve, mas, exatamente, os aumentos do diesel, gasolina e gás. **P.2**



"Não soube me conter", diz Cabral para explicar o roubo

Lula testemunhou em defesa do ex-governador condenado a mais de 100 anos



Seleção Brasileira chega na Rússia cheia de apetite

Depois de vencer, e bem, o último amistoso preparatório, contra a Áustria, a Seleção Brasileira já se encontra em Sochi, cidade escolhida para hospedagem e treinamento na primeira fase da Copa. O Brasil, que estréia no domingo contra a Suíça, é um dos favoritos, juntamente com Alemanha, Espanha, França e Argentina. **Pág. 5**

Em depoimento ao juiz da 7ª Vara Federal, Marcelo Bretas, o ex-governador Sérgio Cabral condenado a mais de 100 anos de prisão, disse não ter resistido "à promiscuidade" e roubado R\$ 20 milhões de um total de R\$ 500 milhões de doações eleitorais não registradas. "Foi nessa promiscuidade que me perdi", disse. "Eu não soube me conter diante de tanto poder e de tanta força política", afirmou Cabral, que fez a ressalva de que o dinheiro não se tratou de propina. Como testemunha de defesa de Cabral, o ex-presidente (e atual presidário) Lula, afirmou que as acusações contra o réu confesso são "denuncismo". **P. 4**

Lula pede socorro a FH, que prefere guardar distância

O tucano Fernando Henrique Cardoso depôs, na segunda-feira, como testemunha de defesa de Lula no processo que investiga a reforma do sítio de Atibaia, no interior de São Paulo. Mas não ajudou muito como esperava a defesa de Lula. Procurou guardar distância do petista nas suas respostas. O juiz Sérgio Moro quis saber se alguma empresa já tinha reformado alguma propriedade que FH utilizava, fazendo pagamento por fora. "Nunca, jamais, nada disso, nem por fora, nem participaram de nenhum momento de reforma", disse FHC. **Pág. 3**

Governo leiloa áreas do pré-sal à Shell, Chevron e Exxon

Gasolina aumenta 1,8% nas refinarias

O governo elevou o preço da gasolina em 1,8% nas refinarias neste sábado (9), confirmando que vai continuar a política de preços praticada pela Petrobrás, de paridade com os preços no mercado internacional.

O reajuste dos preços do combustível, diariamente, implementada por Pedro Parente à frente da Petrobrás, acabou provocando o caos e culminou com a greve dos caminhoneiros, que, além de desmascarar o crime, obrigou o governo a congelar o preço do diesel por 60 dias. O governo teve que ceder no diesel mas manteve liberado os aumentos de gasolina. O resultado é que nas bombas, a gasolina não para de subir. Com a nova alta, o preço da gasolina nas refinarias passará de R\$ 1,9521 para R\$ 1,9873 por litro.

Desde 3 de julho do ano passado, a Petrobrás vem reajustando os preços dos combustíveis diariamente e de lá para cá, até o final de maio, o aumento do diesel foi +59,32%, e o da gasolina, +58,76%, enquanto a inflação, pelo IPCA, foi de 2,68%.

Durante a greve, o preço médio do diesel alcançou um preço 39,9% acima dos preços internacionais. É a gasolina estava, em média, 22,1% acima da referência internacional. Esta política, que só beneficia os acionistas da Petrobrás, na maioria estrangeiros, e as multinacionais importadoras, foi iniciada por Aldemir Bendine no governo Dilma Rousseff e continuada por Parente.

Ivan Monteiro, braço direito de Bendine na Petrobrás e alçado a presidente da estatal por Temer após a queda de Parente, afirma que não vai mudar a política de preços.

Os custos de produção nas refinarias da Petrobrás são baixos e podem gerar preços inferiores àqueles sob o domínio da especulação dos mercados internacionais. Com a redução do diesel em R\$ 0,46 na refinaria, por exemplo, como foi acordado com os caminhoneiros, a taxa de lucro da Petrobrás cai de 150% para 126%.

A insensatez dessa política de querer super lucros a qualquer custo para agradar acionistas é tal que, com a alta de desarmada dos combustíveis, o aumento de preços é generalizado e está contribuindo para derrubar ainda mais o consumo das famílias e afundar, ainda mais, a economia do país. Não é à toa que a greve dos caminhoneiros contou com total apoio da população.

Problema do descontrole do câmbio é o governo que ninguém confia



Presidente do BC, Ilan Goldfajn, no evento do banco americano Goldman Sachs

Em mais um leilão, Temer entrega áreas do pré-sal ao cartel estrangeiro

O governo Temer, dando continuidade à criminoso entrega do petróleo brasileiro, realizou o 4º leilão no pré-sal, nesta quinta-feira (7), onde três áreas foram destinadas ao cartel petrolífero por apenas R\$ 3,15 bilhões.

Dos quatro blocos ofertados pela Agência Nacional de Petróleo (ANP), apenas um não foi adquirido. Nos outros três blocos, a presença da Petrobrás nos consórcios foi superada pelas estrangeiras como a norte-americana ExxonMobil e Chevron e pela Shell (Reino Unido), além da participação da estatal norueguesa Statoil, da Petrol (Portugal) e da BP Energy (Reino Unido).

O Bloco Uirapuru, na Bacia de Santos, foi arrematado pelo consórcio formado pela Petrobrás (30%), Statoil (28%), ExxonMobil (28%), Petrol (14%).

Bloco Dois Irmãos, Bacia de Campos: Petrobrás (45%), BP Energy (30%) e Statoil (25%).

Bloco Três Marias, Bacia de Santos: Shell (40%), Chevron (30%) e Petrobrás (30%).

No regime de partilha, no pré-sal, um percentual mínimo do

excedente em óleo é da União, mas os serviços encastelados na estatal ofereceram o mínimo do mínimo para agradecer as múltiplas, sendo que nos blocos onde houve disputa, a Petrobrás perdeu. O ágio médio do excedente em óleo ofertado foi de 202,3%. A Petrobrás acabou entrando nos consórcios vencedores por conta da lei que lhe dá o direito de preferência de ter participação de 30% nos consórcios vencedores.

Sob a batuta de Ivan Monteiro, a Petrobrás, que liderava consórcios na disputa em dois blocos, fez uma oferta menor do que os estrangeiros. O mesmo Ivan Monteiro, que ao lado do então presidente da Petrobrás do governo Dilma Rousseff, Aldemir Bendine, pela primeira vez na história dos leilões, deixou a Petrobrás de fora da 13ª Rodada de Licitações da ANP em 7 de outubro de 2015. Sem a Petrobrás, aquele leilão foi considerado “um fracasso”, já que sem a Petrobrás, as estrangeiras caíram fora.

Magda Chambriard então diretora-geral da ANP, a mesma que teceu elogios a Eike

Batista que só não continuou preso pela Lava Jato porque foi solto por Gilmar Mendes, disse na ocasião que “gostaria de ter mais ‘Eikes’ nos leilões, ele pelo menos entrega a produção”. A OGX de Eike – “o orgulho do Brasil”, segundo Dilma, foi uma fraude. Não produziu uma gota de petróleo e deu um calote de cerca de US\$ 45 milhões em credores, inclusive no BNDES.

O primeiro leilão no pré-sal foi realizado no governo Dilma Rousseff, por trás de tropas do Exército, da Força de Segurança Nacional e com o cerco até de barcos da Marinha de Guerra, com jovens sendo atingidos e feridos por uma catadupa de balas de borracha. Os manifestantes denunciavam o crime e o estelionato eleitoral da presidenta. “É um crime privatizar o pré-sal”, declarou durante sua campanha à reeleição. Na leiloata, 40% de Libra foi entregue para a Shell e a Total.

Leia a matéria na íntegra na Hora do Povo <http://horadopovo.org.br/governo-entrega-tres-areas-gigantes-do-pre-sal-para-as-multinacionais/>

Planalto tenta dar calote no acordo com os caminhoneiros sobre frete

Depois de tentar dar calote no acordo com os caminhoneiros no reajuste do preço do diesel, quando o ministro da Casa Civil, Eliseu Padilha, declarou que o reajuste de R\$ 0,46 no litro do diesel “não é imediato”, o governo agora tenta dar o calote no preço mínimo para o frete, uma antiga reivindicação dos caminhoneiros autônomos, também acordado durante a greve que parou o país.

O ministro da Fazenda, Eduardo Guardia, também entrou na enrolação. Em entrevista à Rádio Bandeirantes, na sexta-feira (8), ele saiu com a seguinte desculpa: “está se chegando à conclusão de que tabela talvez não seja a melhor opção. A tabela está em discussão e é importante que seja discutida. Foi uma solução apresentada em um momento de crise, uma negociação difícil e complexa”, declarou.

A afirmação foi feita no mesmo dia em que o governo se reunia com caminhoneiros para destravar o impasse sobre a tabela de preço do frete. Após a greve, o governo publicou a Resolução nº5820/16 da

ANTT, conforme reivindicação dos caminhoneiros, encontrando resistência do setor agrícola e industrial. Diante do impasse, o governo publicou nova tabela que foi rejeitada pelos caminhoneiros. Essa segunda tabela foi revogada poucas horas depois de ser divulgada, na terça-feira (7). Uma nova tabela vem sendo discutida desde sexta-feira (8).

Enquanto isso, vale a primeira resolução.

Para a Associação Brasileira dos Caminhoneiros (Abcam), a reivindicação dos autônomos “busca compensar a hipossuficiência do caminhoneiro na sua relação de negociação do frete com seus contratantes que são, na grande maioria das vezes, empresas com elevado poder de barganha comercial e financeira que desejam impor um preço visivelmente insuficiente para cobrir os custos do transporte, tornando a vida do caminhoneiro indigna”.

Entretanto, diz a Abcam, a entidade está aberta ao diálogo com todos os setores envolvidos e que

dependem do transporte rodoviário de cargas. “Podemos chegar a um denominador comum, mas sem adiar a correção dessa relação historicamente desequilibrada”, afirmou o presidente da entidade, José da Fonseca Lopes.

O presidente da Federação dos Caminhoneiros de São Paulo, Valdeine Pellegrini, declarou ao HP que havia algumas distorções na primeira tabela e que precisa de alguns ajustes. “A tabela não nos servia, tanto que foi revogada”, comentou o presidente do Sindicato dos Transportadores Autônomos de Carga (Sindicac) de Ijuí (RS), Carlos Alberto Litt Dahmer, sobre a segunda.

Participaram da reunião os representantes da Federação dos Caminhoneiros Autônomos de Cargas em Geral (Fetrabens), Confederação Nacional dos Transportadores Autônomos de Bens (Sindcam) de Ourinhos e Associação Brasileira dos Caminhoneiros (Abcam), entre outras entidades.

Política de Temer é cada vez mais temerária

De janeiro até o início de junho, saíram do Brasil, no saldo financeiro (isto é, excluído o saldo do comércio exterior), US\$ 16.144.955.713,97 (dezesseis bilhões, 144 milhões, 955 mil, 713 dólares e 97 cents) – cf. BC, *Movimento de câmbio (fluxo cambial)*, 06/06/2018.

Esse dinheiro estava aplicado aqui dentro, em papéis especulativos – sobretudo em títulos públicos.

O que faz com que, mesmo com taxas de juros muito maiores que nos EUA, especuladores estejam retirando dólares daqui?

Porque, se há um governo que tudo fez – e continua fazendo – para locupletar bancos, fundos e franco-atiradores do mercado financeiro, é o atual, aliás, seguindo a trilha do anterior (ao todo, Dilma injetou US\$ 115 bilhões no mercado de dólar).

Foi, aliás, o que prometeu fazer, na quarta-feira, durante um evento do banco norte-americano Goldman Sachs, o atual presidente do Banco Central (BC), Ilan Goldfajn. Para ser exato, o presidente do BC prometeu superar a marca do governo Dilma.

Falando na *Fifth Annual Brazil Macro Conference*, realizada pelo Goldman Sachs em São Paulo, Goldfajn – ex-economista chefe e sócio do Itaú Unibanco, além de “consultor” do FMI –, disse que, além dos US\$ 20 bilhões (vinte bilhões de dólares) que já anunciara que o BC pretendia gastar no mercado futuro de dólar até sexta-feira, dia 15, “podemos ir além dos valores máximos utilizados no passado, US\$ 115 bilhões. Vamos intensificar seu uso no curto prazo”.

Anunciou isso, como dissemos, em um evento do Goldman Sachs, que é um dos “dealers” do BC, ou seja, opera em nome do BC, com dinheiro colocado à sua disposição pelo BC – e, ao mesmo tempo, opera do outro lado do balcão, para seus clientes ou para si mesmo.

Entretanto, na mesma quarta-feira, apesar das promessas de Goldfajn, o preço do dólar em reais aumentou outra vez.

Portanto, nem oferecendo aos bancos estrangeiros todas as reservas monetárias do país, isso serviu para “acalmá-los”. Além da evidente ganância – se o governo promete a eles as reservas, porque não iriam aproveitar? – eles sabem que há US\$ 580 bilhões, de dinheiro estrangeiro, convertidos em reais, aplicados aqui dentro, em papéis; e há US\$ 380 bilhões em reservas monetárias. Não há dólares suficientes para trocar os reais, no caso de saída em massa do país.

Mas esse não é um problema imediato. Então, o que faz com que os especuladores olhem com aflição crescente para a porta de saída, mesmo com as taxas de juros daqui?

Acontece que nós não temos um governo – temos uma quadrilha no Planalto, com a séria perspectiva de sair do Palácio em um camburão ou veículo equivalente.

Nem mesmo os beneficiários de sua política conseguem confiar que esse governo não irá provocar uma convulsão no país, perto da qual a greve dos caminhoneiros irá parecer um convalescente.

A alta nos preços sobretudo dos alimentos – inclusive no que ela tem de especulativa – é claramente um sinal de perda de controle. Houve quem tentasse jogar em cima dos caminhoneiros a responsabilidade desses aumentos como se a sua reivindicação não fosse, precisamente, a redução no preço do principal insumo – o óleo diesel – que pesa no preço dos transportes de alimentos.

A desmoralização completa de Temer & trupe é, também, o que explica por que, mesmo considerando que o aumento da taxa de juros nos EUA fez com que todas ou quase todas as moedas caíssem em relação ao dólar, o real foi a quarta moeda que mais se desvalorizou no mundo. A

primeira foi o peso argentino. A segunda (a lira turca) e a terceira (o rublo russo) são de países em conflito com os EUA, portanto, com algum nível de bloqueio financeiro, que afeta o câmbio com o dólar.

Mas a moeda de todos os países, com exceção desses três, foram menos afetadas que o real.

Na quarta-feira, dia 11, quando escrevemos este artigo, a situação estava, do ponto de vista da própria política do governo, em plena reação em cadeia (o duplo sentido não é acidental).

Não se trata, apenas (e esse apenas é muita coisa), do estouro da pseudo-recuperação.

Sobre isso, as previsões para a variação do PIB recuaram de 3% para cerca de 1%. E a produção industrial, até abril, está 1,3% abaixo do nível de dezembro do ano passado – que já era medíocre.

Na quarta-feira, também, a Fundação Getúlio Vargas divulgou seus “índices antecedentes” de emprego e desemprego, que apontam aumento do desemprego nos próximos meses.

Mais além, o próprio setor financeiro parece à beira do estouro.

O dólar, na quarta-feira, ficou em mais de R\$ 3,7, depois que o BC contemplou os especuladores, em um único dia, com US\$ 2,5 bilhões.

Enquanto isso, prosseguia a queima de títulos públicos, iniciada há dois meses.

Os aplicadores em títulos públicos, como disse um corretor, “estão vendendo títulos a qualquer preço”. Essa venda força o preço dos títulos para baixo. Com a queda no preço dos papéis, o Tesouro só consegue vendê-los a uma maior taxa de juros – portanto, aumentando a sangria de dinheiro público.

Na segunda-feira, as vendas de títulos no “Tesouro Direto”, onde atuam aplicadores menores, foram suspensas duas vezes – desde 16 de maio, houve suspensão de vendas em 13 das 16 sessões desse mecanismo do Tesouro, para impedir que os aplicadores comprassem papéis baratos que rendem uma taxa de juros cada vez mais alta.

Esse privilégio, o BC reservou para os bancos e fundos, que atuam nos leilões de títulos – e não no “Tesouro Direto”.

Resumindo, os grandes aplicadores (bancos e fundos) estão deixando os títulos públicos e comprando dólar, para enviar para fora ou porque consideram mais seguro nas atuais circunstâncias – e isso explica uma parte da alta do dólar.

Outro motivo dessa alta são os juros dos EUA – que já aumentaram três vezes este ano e devem ser aumentados outra vez na quarta-feira, quando se reúne o Fomc (o correspondente ao Copom no Fed, o banco central dos EUA).

Além disso, como sempre, há uma pressão para aumentar os juros aqui no Brasil – com o pretexto de segurar o dólar. Quanto a isso, aumentar os juros agora é levar a crise a um patamar imprevisível – até mesmo um diretor do BC declarou algo semelhante à imprensa.

Pode-se concluir, portanto, que o apoio à política econômica de Temer é, cada vez mais, tão temerário – e tão pouco inteligente – quanto o apoio a próprio Temer.

É inútil, então, atribuir todos os males do país, presentes e futuros, à greve dos caminhoneiros.

A greve dos caminhoneiros foi uma consequência da destruição que esse governo tem operado (trata-se de um governo de operadores) no país. Uma consequência, aliás, inevitável – porque é inevitável que as pessoas lutem para não morrer de fome ou debaixo de uma canga.

Correto seria dizer que os aumentos sucessivos do diesel (em 30 dias o preço aumentou +38,4% na bomba e +18% na refinaria) provocaram a degringolada em uma situação já em decomposição.

CARLOS LOPES

Pedidos de recuperação judicial crescem 30%

Frustradas pela recessão e pela falácia da recuperação econômica, o número de empresas que entraram com pedido de recuperação judicial no período de janeiro a abril de 2018 disparou. Os resultados são da pesquisa da Serasa Experian, que computou um aumento de 30% no número de empresas que pediram por uma “bóia de salvação” no período. No total, 518 companhias de todos os portes e em sérias dificuldades pediram proteção judicial para continuar operando sem que as suas dívidas fossem executadas.

“As empresas que estão em situação de dificuldade esperaram uma melhora que não veio. O aumento nas recuperações reflete a frus-

tração com o crescimento da economia”, disse para o jornal O Globo Luiz Rabi, economista-chefe da Serasa. O economista acredita que não será possível reverter essa tendência de piora este ano.

No começo do ano, a promessa do governo era que o crescimento da atividade econômica seria em torno de 3% em 2018. Com o desenrolar dos meses, comprovou-se que essa projeção não tinha nenhum lastro com a realidade, com resultados no primeiro trimestre desastrosos – além do aumento do desemprego e dos resultados frustrantes da produção.

Agora, as previsões medianas de diversos setores econômicos giram em torno de apenas 1%.

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO é uma publicação do Instituto Nacional de Comunicação 24 de agosto Rua José Getúlio, 67, Cj. 21 Liberdade - CEP: 01509-001 São Paulo-SP E-mail: inc24agosto@uol.com.br C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000
Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hpri@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3222-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa, 140 Curú-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Governador do Estado de São Paulo França decide contratar mais de 2 mil professores aprovados em concurso

O governador de São Paulo, Márcio França (PSB), promulgou sábado (9) decreto que melhora a remuneração de 33 mil inspetores de alunos, merendeiras e demais profissionais do Quadro de Apoio Escolar, carreiras que têm os menores salários dentro de todo sistema educacional do Estado.

“Essa medida é uma justiça que se faz com esses servidores, porque eu sei o que eles padecem. Nosso momento é de recuperação e valorização de todos”, declarou França.

Em outro decreto, o governo paulista nomeou 2.165 professores aprovados em concurso público realizado em 2014, que assumirão seus cargos nos próximos dias. Os educadores serão contratados em caráter definitivo para dar aulas na Educação Básica I, que compreende classes do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental.

“Estou rodando o Estado inteiro e o que mais me pedem é a contratação dos concursados. O professor efetivo cria vínculo com a escola e com os alunos e isso é muito importante porque garante mais qualidade no ensino. Essa era uma reivindicação de toda a rede de ensino, uma prioridade”, explicou o governador.

Os novos professores substituirão educadores contratados pelo governo estadual em caráter temporário. “A valorização na educação será geral. Professores, alunos, estrutura, agentes da educação. Uma educação para que nossos filhos estejam preparados a vencer. Avançar sempre com conquistas e resultados”, escreveu Márcio França em uma rede social.

PGR confirma inquérito contra Mantega e senadores do PMDB

Fábio Rodrigues Pozzebom/ABR



Dilma, Temer e parlamentares do PMDB durante a campanha de 2014 PT tenta pela terceira vez lançar a pré-candidatura de Lula em MG

Com um ato abaixo das expectativas e num espaço acanhado, o PT tentou, pela terceira vez, lançar na noite de sexta-feira (8), em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, a pré-candidatura de Lula à presidência da República. Preso em Curitiba desde 7 de abril, o petista escreveu uma carta que foi lida ao final do evento por Dilma Rousseff.

O evento aconteceu em meio à desconfiança de líderes do partido acerca da viabilidade política da manutenção da candidatura. A legenda sofre com a debandada de aliados e dificuldades de ajustes em pautas estaduais que enfraquecem ainda mais o projeto nacional da sigla.

Sem o discurso de Lula, o ato teve shows de música e falas de quatro dos cinco governadores do partido (BA, AC, PI, MG). O governador cearense, Camilo Santana, que é próximo do pré-candidato Ciro Gomes

(PDT), não compareceu.

Também falaram as lideranças das bancadas no Congresso Nacional, movimentos sociais e dois dos nomes cotados como planos B se a Justiça Eleitoral confirmar a inelegibilidade de Lula: o ex-ministro Jaques Wagner e o ex-prefeito Fernando Haddad. Por ter sido condenado em segunda instância no processo sobre o triplex do Guarujá, o petista está enquadrado na Lei da Ficha Limpa, que foi sancionada pelo próprio Lula em 4 de junho de 2010.

Apesar do esforço para tentar convencer a militância que a candidatura é para valer, dirigentes do partido reconheciam reservadamente que a chance do ex-presidente disputar a corrida ao Palácio do Planalto em outubro é remota.

A própria realização do evento foi uma tentativa de reverter esse quadro, após a divulgação de declarações de Camilo Santana em favor de Ciro. O lançamento foi

definido em uma reunião da presidente do PT, senadora Gleisi Hoffmann (PR), com governadores do partido. O objetivo era conter uma debandada em favor do pré-candidato do PDT dentro do PT.

Gleisi afirmou que a prioridade do partido, em termos de aliança, é o PSB, mas admitiu o isolamento do PT. “Eu acho que é importante tirar o PT do isolamento no plano nacional. Mas a gente sabe das dificuldades políticas que o grupo que comanda o PSB tem para conduzir o partido formalmente para uma aliança nacional com o PT”, disse a senadora.

O mote da pré-candidatura de Lula, “o Brasil feliz de novo”, foi exibido em um vídeo de retrospectiva, com a trajetória do petista de Pernambuco à Presidência. O vídeo continua com a eleição de Dilma e seu impeachment, até chegar em 2018, quando exibe discursos de Lula como pré-candidato.

STF já pode julgar ação contra Gleisi

A ação penal contra a senadora Gleisi Hoffmann, presidente nacional do PT, e o ex-ministro de Lula e Dilma, Paulo Bernardo, depende agora da marcação da data do julgamento pelo atual presidente da Segunda Turma do Supremo Tribunal Federal (STF), Ricardo Lewandowski. Gleisi e seu marido Paulo Bernardo são denunciados por corrupção e lavagem de dinheiro.

O ministro revisor da Lava Jato, Celso de Mello, já liberou a ação e pediu para ser marcada a data do julgamento.

O Ministério Público Federal (MPF) acusa Gleisi, Paulo Bernardo e o empresário Ernesto Rodrigues de participarem de um esquema que envolve o pagamento de propina de R\$ 1 milhão usado na campanha da petista ao Senado, em 2010, com dinheiro vindo da Petrobrás.

A Procuradoria-Geral da República (PGR) afirma que as provas revelaram que o dinheiro saiu de empresas que tinham contratos com a Petrobras, arrecadado pelo então diretor de abastecimento da estatal, Paulo Roberto Costa, e posteriormente repassado ao doleiro Alberto Youssef, que era o operador no esquema dentro da diretoria. Coube a ele fazer o repasse a Ernesto Rodrigues.

De acordo com a procuradora-geral da República, Raquel Dodge, os três réus sabiam da atuação do doleiro no esquema criminoso. “Paulo Roberto Costa afirmou que Paulo Bernardo era um dos poucos ministros que sabiam que Alberto Youssef era seu operador, ou seja, que o dinheiro vinha de ilícitos da Petrobras”, diz a procuradora. As investigações revelaram que

o dinheiro foi entregue em espécie, de forma parcelada e não foi registrado na prestação de contas da candidata. A entrega era feita pelo empresário Ernesto Rodrigues, responsável por transportar o montante de São Paulo até Curitiba.

“No presente caso, Gleisi Hoffmann e seu marido se cuidam de políticos experientes. Ambos receberam valores em função de cargos que materializam em essência a outorga do povo do Estado do Paraná. Portanto, mais do que a corrupção de um mero agente público, houve corrupções em séries por titulares de cargos dos mais relevantes da República, cuja responsabilidade faz agravar sua culpa na mesma proporção”, escreveu em seu parecer a procuradora.

Leia mais em www.horadopovo.org.br

Depoimento de Fernando Henrique não ajudou como esperava a defesa de Lula

O tucano Fernando Henrique Cardoso depôs, na segunda-feira (11), como testemunha de defesa de Luiz Inácio Lula da Silva no processo que investiga a reforma do sítio de Atibaia, no interior de São Paulo. Mas não ajudou muito como esperava a defesa de Lula. Procurou guardar distância do petista nas suas respostas. Ele foi ouvido pelo juiz Sérgio Moro, por meio de videoconferência realizada em fórum da Justiça Federal.

A audiência durou cerca de meia hora e, na saída, FHC afirmou que foi “prazeroso” e que se sentiu confortável em responder às perguntas. Ele foi questionado pela defesa do petista e o juiz sobre suas palestras e a prestação de contas de seu Instituto.

Moro questionou FHC sobre como era

pago pelas palestras e outros trabalhos. “Isso é feito através de um agente que faz o contrato e eu usualmente não conheço os donos ou representantes da empresa. Vou conhecer eles na hora”, disse.

O juiz também quis saber se alguma empresa já tinha reformado alguma propriedade que Fernando Henrique utilizava, fazendo pagamento por fora. “Nunca, jamais, nada disso, nem por fora, nem participaram de nenhum momento de reforma. Eu não tenho muita coisa a reformar, só minha cabeça mesmo”, respondeu.

Sobre as palestras, FHC declarou que algumas são de graça e que algumas ele cobra um certo valor. “Palestras são atividade pessoal, profissional, sempre falei de graça. Quando

descobri que podiam até pagar para dizer o que eu digo de graça, claro, fiquei satisfeito”, disse. Indagado pela defesa de Lula sobre palestras pagas por empreiteiras, o ex-presidente falou que não se recorda de ter sido contratado por essas empresas.

Lula é investigado por ter recebido 27 milhões de reais de empreiteiras envolvidas no petróleo por meio da sua empresa de palestras, a LILS Palestras e Eventos Ltda. Também chamado a depor como testemunha de Lula, o escritor Fernando Morais, que escreve uma biografia dele, chegou a ser interrompido por Moro. Para o magistrado, ele estava usando o momento para fazer propaganda lulista.

Leia mais em www.horadopovo.org.br
WALTER FÉLIX

Procuradora-geral Raquel Dodge quer investigar propina de R\$ 46 milhões que a JBS deu para os senadores do PMDB, em 2014, a pedido do PT

A procuradora-geral da República, Raquel Dodge, confirmou, na quinta-feira (7), ao Supremo Tribunal Federal (STF), a abertura de inquérito contra seis senadores do PMDB-MDB, o ministro do Tribunal de Contas da União (TCU) Vital do Rêgo e os ex-ministros Helder Barbalho e Guido Mantega.

O ministro Edson Fachin já havia autorizado o início do inquérito para apurar pagamentos do grupo JBS ao MDB nas eleições de 2014, com base em depoimentos de executivos da J&F.

Como faltava definir quem seriam os investigados, o inquérito estava na fila para começar. Agora ele será aberto porque Raquel Dodge informou ao Supremo, através do comunicado desta quinta-feira, que considera já existirem elementos e nomes para o início da investigação. Os investigados serão os senadores do MDB, integrantes do chamado “quadrilhão do PMDB”. São eles Renan Calheiros (AL), Jader Barbalho (PA), Eduardo Braga (AM), Eunício Oliveira, Valdir Raupp (RO) e Dario Berger (SC). Além deles, os ex-ministros Helder Barbalho, do MDB, e Guido Mantega, do PT, também serão investigados.

As suspeitas foram levantadas nas colaborações premiadas do executivo Ricardo Saud, do grupo JBS, de Joesley Batista, dono do grupo, e do ex-presidente da Transpetro, Sérgio Machado.

Ricardo Saud afirmou que o pagamento tinha o objetivo de manter a unidade do PMDB, devido ao risco de que integrantes do partido passassem a apoiar formalmente a campanha do senador Aécio Neves (PSDB/MG) à presidência da República.

Saud confirmou pagamentos da ordem de R\$ 46 milhões aos peemedebistas a pedido do PT. Segundo ele, apesar de diversas doações terem sido oficiais, trata-se de “vantagem indevida”, já que dirigentes do PT estariam comprando o apoio de peemedebistas para as eleições de 2014 para garantir a aliança entre os dois partidos.

“Na eleição de 2014, na reeleição da presidente Dilma, havia um risco sério de o PMDB debandar e não ir inteiro para o PT, uma parte apoiar o senador Aécio Neves, que foi candidato a presidente pelo PSDB, e uma parte apoiar a Dilma. Como não tinha essa unidade, podia correr sério risco do PT perder”, disse Saud.

A participação de Guido Mantega nesta operação para apagar o incêndio do PMDB do Senado foi motivada pelo fato de que Mantega havia autorizado diversas operações de liberação de recursos do BNDES para a J&F. Além de financiar o grupo, o BNDES já havia, por ordem de Mantega, comprado participação na JBS por meio da BNDESpar – braço do banco estatal que compra participações em empresas. Hoje o BNDES é dono de 21% da JBS.

O fato é que a JBS se transformou num monopólio processador de carnes e a maior empresa privada em faturamento no Brasil. Tudo com uma grande “ajuda” do BNDES durante os governos petistas.

Já em 2004, Mantega tinha acionado seu amigo íntimo, Victor Garcia Sandri, para intermediar propinas com a JBS em troca das benesses do banco de fomento, como fica claro no trecho do depoimento de Joesley Batista abaixo: “... apresentado, em meados de 2004, a Victor Garcia Sandri, conhecido como Vic, empresário e amigo íntimo de Guido Mantega, então ministro do Planejamento, Vic se ofereceu para conseguir facilidades com Guido Mantega, cobrando 50 mil mensais para tanto e afirmando que o dinheiro seria dividido com o Ministro”.

Tanto Guido Mantega como

Victor Sandri respondem atualmente a inquérito por corrupção, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha. Na semana passada, Mantega foi chamado a explicar porque, como Ministro da Fazenda, escondeu US\$ 1,3 milhão em uma conta secreta na Suíça.

Neste outro trecho do depoimento de Joesley Batista ao Ministério Público estão as declarações que comprovam a operação de compra do PMDB pelo PT.

“... a partir de julho de 2014, Guido Mantega passou a chamar o depoente quase semanalmente ao Ministério da Fazenda, em Brasília, ou na sede do Banco do Brasil em São Paulo, para reuniões, nas quais lhe apresentou múltiplas listas de políticos e partidos políticos que deveriam receber doações de campanha a partir dos saldos das contas;

“... a primeira lista foi apresentada em 04/07/2014 por Guido, no gabinete do ministro da Fazenda no 15º andar do Banco do Brasil em São Paulo, e se destinava a pagamentos para políticos do PMDB”.

Outra comprovação da participação de Mantega nas negociações com a JBS aparece também no fato dele ter sido atropelado pelo então tesoureiro do PT, Edinho Silva, num outro pedido do PT, desta vez para o então candidato a governador de Minas, Fernando Pimentel.

Segue o trecho do depoimento de Joesley Batista sobre este episódio.

“... em novembro de 2014, o depoente, depois de receber solicitações insistentes para o pagamento de 30 milhões de reais para Fernando Pimentel, governador eleito de MG, veiculadas por Edinho Silva, e de receber de Guido Mantega a informação de que ‘isso é com ela’, solicitou audiência com Dilma;

“... Dilma recebeu o depoente no Palácio do Planalto;

“... o depoente relatou, então, que o governador eleito de MG, Fernando Pimentel, estava solicitando, por intermédio de Edinho Silva, 30 milhões de reais, mas que, atendida essa solicitação, o saldo das duas contas se esgotaria. Joesley se refere a uma conta mantida por ele, a pedido de Mantega, para abastecer de propina o PT.

“... Dilma confirmou a necessidade e pediu que o depoente procurasse Pimentel;

“... no mesmo dia, o depoente encontrou Pimentel no Aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte, disse que havia conversado com Dilma e que ela havia indicado que os 30 milhões deveriam ser pagos;

“... Pimentel orientou o depoente a fazer o pagamento por meio da compra de participação de 3% na empresa que detém a concessão do Estádio Mineirão”.

Sérgio Machado, um outro colaborador da Lava Jato, também confirmou a operação que será investigada agora pela PGR, quando declarou ter ouvido em reuniões na residência de Renan [Renan Calheiros], “que o grupo JBS iria fazer doações ao PMDB, a pedido do PT, na ordem de R\$ 40 milhões”.

Além dos senadores do PMDB, o paraibano Vital do Rêgo Filho, ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), também será investigado pela Procuradoria Geral da República neste inquérito que apura repasse de R\$ 40 milhões a políticos do MDB. Na época, Vital do Rêgo era candidato do MDB ao governador da Paraíba. Hoje ele está no Tribunal de Contas da União (TCU) e seria, teoricamente, responsável por controlar e evitar que haja corrupção no serviço público. Pelo jeito, vai sair de lá direto para a cadeia.

SÉRGIO CRUZ

Fornecedor diz que recebeu R\$ 950 mil em dinheiro vivo da obra da filha de Temer

Um dos fornecedores da obra de reforma da casa da filha de Temer (PMDB), Maristela, revelou em depoimento à Polícia Federal que foi a esposa de João Batista Lima Filho, Maria Fratezi, quem pagou em dinheiro vivo a obra.

Luiz Eduardo Visani disse ter recebido R\$ 950 mil na sede da Argeplan em dinheiro vivo, contrariando depoimento anterior de Maristela Temer. Já Antonio Carlos Pinto Júnior, outro fornecedor, falou em R\$ 120 mil.

Segundo Visani, Fratezi insistiu para pagar uma parcela inicial de R\$ 56,5 mil com

dinheiro vivo. Ele se negou a receber, e os dois combinaram que o pagamento seria feito por meio de depósito em conta. Dias depois o depósito foi realizado, como comprova um extrato entregue à PF.

A reforma foi feita em 2014 na mansão de Maristela e custou ao menos R\$ 1,2 milhão. A denúncia é que Michel Temer usou a reforma da mansão de Maristela para lavar dinheiro de suborno recebido através do seu operador Batista Lima.

Leia mais em www.horadopovo.org.br

‘Meu foco é trabalhar para melhorar Pernambuco’, diz governador Paulo Câmara

O governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB), participou na segunda-feira (11) da solenidade de formatura de 278 bombeiros militares de Pernambuco no Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda.

Os novos servidores serão distribuídos pelos grupamentos e seções do Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco (CBMPE) em todo o Estado, inclusive nas praias da Região Metropolitana do Recife (RMR).

Ao fazer um comentário sobre o lançamento da chapa majoritária da frente das oposições, Paulo Câmara disse que está mais preocupado em trabalhar pelo progresso do Estado e não tem “tempo para perder com essa questão”.

“Estou trabalhando por Pernambuco e preocupado com isso,

Ciro Gomes: “não rivalizo com Bolsonaro, rivalizo com Lula”

O pré-candidato do PDT à Presidência, Ciro Gomes, cumpriu agenda neste final de semana em Buenos Aires, Argentina, onde esteve com lideranças políticas e empresariais do país vizinho. Em palestra na Universidade Nacional de Buenos Aires (UBA), ele falou sobre “uma ampla aliança de centro-esquerda”.

“Nesse primeiro momento, minha prioridade são PSB e PCdoB”, disse.

Bem humorado, ele evitou fazer comentários sobre o lançamento da candidatura de Lula para evitar ser criticado “pela burocracia do PT”. Indagado sobre possíveis cenários, reiterou que se vê disputando o segundo turno com o tucano Geraldo Alckmin já que “eu não rivalizo com Bolsonaro, rivalizo com Lula”. “No meu cálculo, doído que seja, Lula não será candidato”, frisou.

“Há 16 anos, Lula assumiu o poder no Brasil e todos os dias, até hoje, eu o apoiei. E todas as vezes que fiz algum comentário que desagradou uma parte da burocracia do PT fui intensamente criticado, para usar uma palavra moderada. Por isso, compreendendo o trauma e pelo respeito

estamos em junho, a eleição é em outubro, as campanhas só começam em agosto. Como governador, não tenho tempo para perder com esse tipo de questão, vou trabalhar por um Pernambuco melhor e hoje estamos reforçando os bombeiros nessa luta de prevenção e de cuidado com a população”, disse.

Ashley Melo/JC Imagem



Governador de PE

Cabral confessa roubo de R\$ 20 milhões: “não soube me conter”

“A promiscuidade (de doações) foi muito grande”, continua o ex-governador fluminense, que disse ter usado o dinheiro para fins pessoais, mas negou ter beneficiado parceiros em contratos públicos

O ex-governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral (PMDB), admitiu, em depoimento ao juiz federal Marcelo Bretas, que desviou R\$ 20 milhões de doações eleitorais não declaradas para “uso pessoal”. Segundo Cabral, o roubo ocorreu já que “era muito dinheiro” e ele se perdeu na “promiscuidade”.

O ex-governador, que já foi condenado a mais de 100 anos de prisão, foi interrogado presencialmente, na última sexta-feira (8), em uma das ações penais derivadas da Operação Eficiência, uma das fases da Lava Jato. Ao juiz Marcelo Bretas, na 7ª Vara Federal Criminal, no Rio, o peemedebista voltou a admitir o crime de caixa dois e disse ter ficado “deslumbrado” com o grande volume de dinheiro supostamente recebido durante campanhas eleitorais.

Sérgio Cabral admitiu ter movimentado cerca de R\$ 500 milhões, conforme disseram em delações premiadas doleiros e seu ex-assessor Carlos Miranda. “Desse valor devo ter utilizado para uso pessoal em torno de R\$ 20 milhões”.

Para tentar justificar uma parte do roubo, Cabral diz ter se perdido. “A promiscuidade (de doações) foi muito grande e foi nessa promiscuidade que me perdi. Usei dinheiro de campanha para fins pessoais”, disse.

“Por ostentação, eu levei inclusive a minha mulher (Adriana Ancelmo, também condenada na Lava Jato) a ser estigmatizada de maneira injusta. (...) Em datas comemorativas, comprei joias de maneira absolutamente errada e ostentatória, o que a prejudicou perante a opinião pública como se ela fosse uma criminosa”, disse.

Cabral também afirmou que, “em vez de ficar concentrado em seu governo e suas realizações”, deixou-se tomar pelo poder. “O poder é algo tão perigoso. O senhor tem poder...”, disse ele a Bretas. O juiz interrompeu e ex-governador: “Poder, não. Aqui a gente trata como autoridade”, salientou.

Ele ainda afirmou que não soube se conter: “Eu não soube me conter diante de tanto poder e de tanta força política. E, de maneira vaidosa, quis fazer (eleger) prefeitos, vereadores, usar recursos”, acrescentou.

PROPINA

Na nova estratégia de defesa, Cabral confirma o “uso pessoal” de R\$ 20 milhões, de um total de R\$ 500 milhões, arrecadados como doações eleitorais. Entretanto, segundo ele, jamais foi negociada alguma propina de algum de seus empresários parceiros. “Eu nunca pedi a um empresá-

rio que incluisse um percentual qualquer em nenhuma obra ou serviço do meu governo. Garanto isso ao senhor, falo em nome dos meus filhos e do neto que conheci essa semana”, afirmou, tentando relevar as 24 denúncias de corrupção das quais está sendo julgado.

Dentre as acusações, Cabral responde pelo superfaturamento de contratos para manutenção de serviços de distribuição, armazenamento e destinação final de remédios e material hospitalar que geraram desperdício de mais de 600 toneladas de medicamentos usados para tratamentos de pequena, média e alta complexidade. Esse esquema, organizado pelo ex-governador e Sérgio Cortês, seu secretário de Saúde, funcionou entre 2007 e 2015 e causou prejuízo milionário aos cofres estaduais.

Cabral também é acusado de organizar um esquema entre empreiteiras para pagar propina para garantir que a Olimpíadas 2016 ocorresse no Rio e que essas empresas seriam as beneficiadas com as obras necessárias para a realização do evento.

Cabral ainda é acusado de receber propina da Andrade Gutierrez, da Odebrecht e da Queiroz Galvão por garantir vantagens indevidas as empreiteiras a partir do contrato da Petrobrás com o Consórcio Terraplanagem do Comperj. O contrato com o consórcio de empreiteiras custava originalmente R\$ 819 milhões e sofreu cinco aditivos que levaram ao incremento do valor para R\$ 1,2 bilhão. Só nesse esquema Cabral teria recebido R\$ 2,7 milhões.

SEXTA-FEIRA

Neste processo em que Cabral prestou depoimento sexta-feira, ele é acusado junto aos doleiros Renato e Marcelo Chebar, seu ex-secretário Wilson Carlos e seus assessores Carlos Miranda e Sérgio de Castro Oliveira, o Serjão, por ocultar e lavar cerca de R\$ 40 milhões, guardados no Brasil; US\$ 100 milhões depositados no exterior; e mais quase R\$ 10 milhões ocultados em joias, segundo o Ministério Público Federal.

Esse depoimento de Cabral deveria ter ocorrido em fevereiro, quando ele ainda estava preso em Curitiba. A defesa, no entanto, alegou cerceamento por conta da distância e ele ficou em silêncio, até que por decisão do Supremo Tribunal Federal, obviamente assinada por Gilmar Mendes, o ex-governador voltou para o Rio de Janeiro.

O ex-governador é réu em 24 ações penais no âmbito da Lava Jato, sendo 23 no Rio de Janeiro e uma em Curitiba. Ele já acumula cem anos em condenações.

24ª denúncia contra ex-governador aponta propina da Queiroz Galvão

A força-tarefa da Lava-Jato no Rio de Janeiro revelou o pagamento de propina ao ex-governador Sérgio Cabral (PMDB), num total de R\$ 23,9 milhões, pela empreiteira Queiroz Galvão. Essa é a 24ª vez que o peemedebista é denunciado.

De acordo com os procuradores do Ministério Público Federal (MPF), dois doleiros, Raul e Jorge Davies, ajudaram o peemedebista em 33 situações a receber um total de R\$ 23,9 milhões em propina da empresa entre abril de 2011 e agosto de 2014, quando Cabral já tinha deixado o governo.

Segundo o MPF a propina foi acertada pela Queiroz Galvão pelo menos em relação a três obras financiadas com recursos do governo federal no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC): urbanização na Comunidade da Rocinha (PAC das Favelas), na construção do Arco Metropolitano (Segmento C - Lote 02) e na construção da Linha 4 do Metrô.

Além de Cabral, foram denunciados Dario Messer, conhecido como o doleiro dos doleiros e que está foragido, e outras 60 pessoas. Essa operação foi nomeada de Operação ‘Câmbio, Desligo’. Ela desarticulou uma rede de doleiros que movimentaram US\$ 1,6 bilhão por meio de mais de 3 mil contas de offshores. Cabral é o único político denunciado na ‘Câmbio, Desligo’.

Segundo a delação do operador de Cabral, Carlos Miranda, para o MPF, que consta na de-

núncia elaborada pela Cambio, Desligo, em 2007, no início do governo do peemedebista, o então secretário de Governo Wilson Carlos informou Miranda de que teria sido fechado um acordo com Ricardo Galvão para o pagamento de propina de 5% dos pagamentos feitos pelo governo do estado do Rio à empreiteira.

Miranda contou que de início a propina era paga como uma mesada no valor de R\$ 300 mil, mas que, em razão das dificuldades que a Queiroz Galvão possuía em gerar dinheiro em espécie no Brasil, a empreiteira optou por realizar os pagamentos por meio dos doleiros Raul e Jorge Davies.

Ainda em sua colaboração, Miranda afirma que o saldo devedor da Queiroz Galvão, ao final do governo Cabral, seria de R\$ 20 milhões, segundo contas realizadas por ele. Numa reunião na casa de Cabral, em 2014, após a saída do emedebista do governo, Ricardo Galvão apresentou outras despesas que teria feito para Cabral. O operador conta que, então, o saldo caiu para R\$ 14 milhões e que a empreiteira pagou R\$ 4 milhões do doleiro Davies e R\$ 6,5 milhões em contribuições de campanha de 2014.

Os procuradores afirmam que as investigações relacionadas ao crime de corrupção ativa cometidos pelos representantes da empresa Queiroz Galvão permanecem em curso. A denúncia se detém aos recebimentos de propina por Cabral por intermédio dos doleiros.



Ao invés de “ficar concentrado no governo”, Sérgio Cabral preferiu roubar

Lula diz que processos contra Sérgio Cabral são 'denuncismo'

Como testemunha de defesa de Sérgio Cabral, ex-governador do Rio de Janeiro, o ex-presidente Lula afirmou em depoimento à Justiça Federal, na última terça-feira (5), que o país vive um momento de “denuncismo” e que está “cansado de mentiras”. Ele defendeu Cabral na ação penal que apura a compra de votos da Olimpíada Rio 2016.

O que Lula, preso desde 7 de abril após ser condenado a 12 anos e 1 mês por corrupção e lavagem de dinheiro, não esperava era que Cabral fosse assumir, nesta sexta-feira (8), que recebeu ilegalmente meio bilhão de reais para suas campanhas e que desses, pelo menos R\$ 20 milhões, ele usou para compra de joias e viagens.

O ex-governador está preso desde novembro de 2016, por comandar o esquema de corrupção e lavagem de dinheiro no estado. Ele já foi conde-



Em depoimento como testemunha de defesa de Cabral, Lula disse estar “cansado de mentiras”

nado a mais de 100 anos de cadeia.

Essa não foi a primeira vez que Lula saiu em defesa do ex-governador corrupto. Em dezembro do ano passado, Lula, ainda em liberdade, disse que “a Lava Jato não pode fazer o que está fazendo com o Rio de Janeiro”. “O Rio de Janeiro não merece que

governadores eleitos democraticamente estejam presos porque roubaram dinheiro público” que “eu nem sei se isso é verdade porque não acredito em tudo o que a imprensa fala”.

Lula defende Cabral em causa própria – porque ele próprio roubou e quer ficar solto.

Pré-candidato ao governo, Garotinho cobra responsabilidade federal na segurança do Rio

LANÇAMENTO

O pré-candidato ao governo do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho (PRP), defendeu nesta segunda-feira (11), durante a sabatina promovida pelo UOL, pela Folha de S.Paulo e pelo SBT, que a segurança pública no estado deve passar por uma “federalização completa”.

Garotinho afirma que a União tem uma dívida histórica com o Rio desde a transferência da capital federal para Brasília, em 1960, e que o atual decreto de intervenção militar, em vigor desde fevereiro deste ano é uma “pirotecnia”.

Segundo ele, a “federalização completa” da segurança pública seria também uma forma de reparação. “Tem que colocar na Constituição que o Rio de Janeiro precisa ser reparado por isso. Essa é uma guerra ganha”, declarou. “O Rio de Janeiro tem que ser considerado área de proteção federal”.

Isso significaria que o governo federal assumiria desde a parte de custeio quanto o planejamento operacional da segurança pública. Para isso, Garotinho defende a criação de um fundo federal.

Na noite da segunda-feira (11), o PRP oficializou a pré-candidatura Garotinho. Durante o ato, ele afirmou que irá focar na profissionalização dos jovens. “Nós vamos pegar os Cieps, e não só fazer aquele turno integral, mas aproveitar a parte da noite para ensino técnico e tecnológico. Quantas profissões surgiram que você procura hoje e não encontra porque não tem mão de obra? A nossa juventude precisa ser formada”, declarou.

RS: UMESPA lança “De rua e sangas”, livreto de contos de Sidnei Schneider

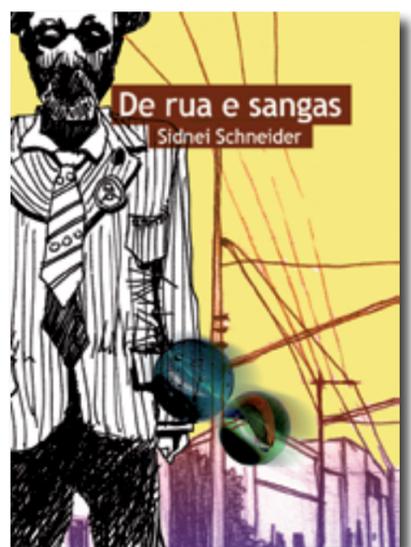
A União Municipal dos Estudantes Secundaristas de Porto Alegre (UMESPA) lançará, no próximo dia 20 de junho, quarta-feira, o livreto “De rua e sangas”, do poeta e escritor Sidnei Schneider.

No livreto, o autor apresenta dois de seus contos: “Cipó, o contador de causos da rua” e “Comida”. A capa é do artista plástico Fabiano Rocha. A editoração, da MaisUmCoisas.

Durante o evento, haverá mesa de debates com a participação dos escritores Dilan Camargo, ex-patrono da Feira do Livro de Porto Alegre, e Jorge Fróes, poeta e professor de literatura.

A apresentação do livreto, feita pela presidente da UMESPA, Vitória Cabreira, destaca que “só com a afirmação da nossa identidade e a construção do bem-estar social, ampliaremos o acesso, não a quaisquer sobras ou lixo cultural, mas ao melhor produzido no país e em outras paragens”.

Os presentes ao evento, que será realizado no Plenarinho da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, a partir das 19 horas, receberão a publicação gratuitamente.



Data: 20 de junho (quarta-feira)
Local: Plenarinho da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul
Horário: 19 horas



Desabamento de barragem matou dezenove pessoas e causou a maior tragédia ambiental do país

Samarco nega ter sido responsável pelo crime ocorrido em Mariana, diz procurador de MG

Participantes da IV Conferência Internacional de Direito Ambiental, promovida pela Ordem dos Advogados do Brasil do Espírito Santo (OAB-ES), entre os dias 6 e 8 de junho, em Vitória, condenaram os crimes cometidos pelas mineradoras Samarco, Vale e BHP Billiton, após o rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana (MG).

A cobertura do evento foi realizada pelo portal Século Diário.

“Não foi acidente, foi crime!”, destacou o procurador da República em Minas Gerais (MPF-MG) Helder Magno da Silva, que foi aplaudido pelos palestrantes e ouvintes do painel dedicado a discutir as implicações legais do rompimento da barragem, em novembro de 2015. A lama de rejeitos da Samarco, controlada pela Vale e BHP Billiton, tomou conta de Bento Rodrigues, matando 19 pessoas e sufocando a Bacia do Rio Doce, em Minas, até sua foz, no Espírito Santo.

“Vocês já viram os textos dos acordos do PIM [Programa de Indenização Mediada, da Fundação Renova]?”, perguntou Helder. “Eles dizem que a Fundação Renova não reconhece a responsabilidade pelos danos causados! As indenizações são o quê, então? Caridade?”, ironizou, conclamando a entidade anfitriã do evento a se posicionar: “OAB: pelo amor de Deus, questione isso!”.

Um inquérito da Polícia Federal finalizado em 2016, concluiu que a direção da Samarco sabia dos riscos de rompimento da barragem pelo menos três anos antes do ocorrido. Segundo a PF, acionistas da Samarco cogitaram em 2012 remover a população do distrito de Bento Rodrigues. Na obra as irregularidades já começam na construção da barragem, que foi feita com materiais diferentes do projeto inicial, e vão até seu rompimento.

PARÂMETROS

A procuradora de Vitória e professora de Direito Ambiental da FDU, Flávia Marchezini, enfatizou a dimensão gigantesca dos danos, ao mencionar os parâmetros utilizados para classificar os riscos ambientais de uma atividade, como baixo, médio, alto, altíssimo ou catastrófico, informando que catastrófico se aplica quando os danos atingem áreas acima de 10 km. “Foram atingidos 650 km²”, exclama, citando apenas a extensão ao longo do Rio Doce, excluindo-se o oceano Atlântico.

Esse é um dos casos, argumentou, em que “a probabilidade tem menos importância, quando as consequências podem ser catastróficas”, acrescentando que a classificação dada à barragem de Fundão, na época do rompimento, era de “segura”.

Para ela, “uma das causas desse desastre foi a corrupção, a relação promíscua entre as empresas e o Poder Público”. “A fiscalização das barragens não é feita pelo órgão ambiental, é feita pela própria mineradora. [...] Porque ninguém é obrigado a acusar a si mesmo, é um princípio até de Direito Penal, não funciona em lugar nenhum. E até agora isso não foi corrigido no Congresso Nacional. Então fica uma impressão, e todo mundo lava as mãos, ninguém quer ficar responsável”, critica.

LICENCIAMENTO

Gabriel Vicente Riva, membro do Fórum Capixaba do Rio Doce, que reúne dezenas de entidades da sociedade civil e representantes da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), também criticou a forma de licenciamento ambiental. Ele citou o recente licenciamento de uma barragem da Anglo American, em Conceição do Mato Dentro/MG, “mais alta que Fundão e em um afluente do Rio Doce”, onde foi suficiente a entrega do EIA [Estudo de Impacto Ambiental] ao órgão licenciador para a construção da barragem.

“É muito complicado contrariar quem nos remunera. A gente sempre reza conforme a cartilha de quem paga”, disse Flávia, sugerindo uma mudança na forma de contratação dessas consultorias. Ela diz que hoje não se pode ir contra quem as contrata (segundo a Lei das Sociedades Anônimas), e devem também “adequar” os interesses de suas contratantes aos interesses públicos.

Gabriel ainda expôs sua vida em Linhares/ES, município onde fica a Foz do Rio Doce, a 650 km do rompimento da barragem. “E ouço muito: ‘eu não dou água do filtro pro meu filho’ ou ‘Meu cabelo começou a cair de dois anos e meio pra cá. Isso é consequência da contaminação da água do Rio Doce? Eu não sei. Mas se daqui a quinze anos se descobrir que sim, eu posso entrar com uma ação indenizatória?’”, ilustra. A falta de apoio à população atingida e de ações efetivas das mineradoras para resolver o enorme problema é mais do que notável.

Gabriel também mencionou as denúncias de extorsão feita por advogados que assediaram os atingidos na Foz do Rio Doce e pediu que a entidade tome alguma atitude. “Eles cobram, extorquem e somem. Nós não somos eles, mas se eles estão fazendo isso lá e nós não fazemos nada para impedir”.

HP ESPORTES
VALDO ALBUQUERQUE



Seleção: primeira foto em solo russo

Brasil já na Rússia na briga pelo hexa

A seleção brasileira já se encontra em Sochi, cidade escolhida pela CBF para hospedagem e treinamento durante a Copa do Mundo. A estreia acontecerá domingo (17), contra a Suíça. A abertura do torneio se dará com a partida entre Rússia e Arábia Saudita nesta quinta-feira (14).

No domingo (10), o Brasil fez o último amistoso preparatório, ao vencer, e bem, a Áustria por 3 a 0, gols de Gabriel Jesus, Neymar e Philippe Coutinho. Na semana passada, havia vencido a Croácia por 2 a 0, gols de Neymar e Firmino.

A equipe de Tite é uma favorita, juntamente com Alemanha, Espanha, França e Argentina. Neste ano, a seleção brasileira tem aproveitamento 100%, inclusive com vitória sobre a Alemanha. Essas outras equipes tiveram alguns tropeços. A Espanha sapecou uma goleada de 6 a 1 sobre a Argentina, mas empatou com a Suíça em 1 a 1.

Em coletiva, Tite falou sobre a boa sequência que vive a seleção: "Não tenho resposta. Geramos essa boa expectativa... é bom. Vamos nos desafiar. É bom. Só um detalhe. Começa agora uma nova etapa", disse.



Era conhecida como a bailarina das quadras

Maria Esther Bueno: lenda do tênis mundial

Faleceu aos 78 anos, em São Paulo, a tenista Maria Esther Bueno, conhecida como a "bailarina das quadras" e um dos maiores nomes do esporte mundial de todos os tempos.

Em 1959, assombrou o mundo ao se tornar campeã em Wimbledon, Londres, aos 19 anos. Na volta ao Brasil teve a desfile em caro aberto em várias capitais e homenagem do então presidente Juscelino Kubitschek.

Em toda sua carreira ganhou títulos em 89 torneios, sendo 19 Grand Slams. Norte-americanos, europeus e australianos se renderam ante sua raquete.

A quadra central do Centro Olímpico de Tênis do Rio de Janeiro, construído para as Olimpíadas, foi batizada com seu nome.

Maria Esther era convidada de honra de Wimbledon todos os anos, sendo homenageada em 2006.

A tenista foi internada em estado grave de saúde em decorrência de um câncer no lábio, descoberto em 2017. Quando se recuperava da radioterapia, voltou a sentir dores e novos exames apontaram que um novo câncer havia se espalhado pelo corpo. Morreu na noite de sexta-feira (8). Ela foi velada no Salão Nobre do Palácio do Governo de São Paulo e foi enterrada no Cemitério da Consolação, centro da capital paulista.

Funcionários da Eletrobrás param contra privatização e pedem saída de presidente



Presidente da FNU: "privatização coloca em cheque a soberania nacional no planejamento e na operação da matriz elétrica brasileira"

Servidores públicos fazem ato no DF por negociação salarial e em repúdio à EC95

O Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos (Fonasefe), em conjunto com o Fórum Nacional Permanente das Carreiras Típicas de Estado (Fonacate), reuniram na última quinta-feira, 7, centenas de servidores em frente ao Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, pela abertura de negociações da Campanha Salarial.

O ato fez parte do dia nacional de mobilização da categoria, que busca ser recebida pelo ministério após três meses de uma promessa de início das negociações da pauta de reivindicações.

Até agora a promessa do governo não foi cumprida, tendo a pauta sido protocolada ainda em janeiro. Sem terem sido recebidos pelo governo, os servidores preparam nova manifestação para

o próximo dia 19.

Além de reivindicar abertura de negociação, os servidores federais também realizaram ato contra a EC (Emenda Constitucional) 95, que institui o congelamento no orçamento da União para recursos destinados aos serviços públicos e às políticas sociais pelos próximos 20 anos. Com essa emenda, apenas será possível corrigir a inflação do período, ficando vedado qualquer tipo de investimento. As despesas financeiras, isto é, recursos para pagamentos de juros e amortizações da dívida pública, ficam, no entanto, liberadas para crescer o quanto o governo quiser.

O resultado é a precarização dos serviços públicos, além de um duro golpe nos salários dos servidores. Para o coordenador geral da Fenajufe

(Federação Nacional dos Trabalhadores do Judiciário Federal e Ministério Público da União), Adilson Rodrigues, presente no ato de quinta, a emenda vem impedindo a contratação de novos servidores pra preencher as vagas deixadas por aqueles que se aposentaram no último período, além de uma redução brutal nas vagas de serviços de apoio, como limpeza e segurança, e corte na estrutura de material e manutenção nos fóruns em todo o país.

Segundo Adilson, "mais uma vez o ministro se recusou a receber os servidores, por isso a convocatória para no dia 19 de junho é fazermos um ato maior, dando continuidade à cobrança de retorno das negociações e a denúncia do caráter deletério e nocivo da Emenda Constitucional 95".

Professores, servidores e estudantes da USP, Unicamp e Unesp mantêm greve

Os funcionários técnico-administrativos e professores das universidades estaduais paulistas (USP, Unicamp e Unesp) mantêm greve diante das propostas de reajuste salarial, que não cobre as perdas dos últimos anos, feita pelo Conselho de Reitores (Cruesp).

A proposta de 1,5% foi feita na última quinta-feira (7) durante a reunião de negociação entre os reitores e os servidores.

As universidades estaduais de São Paulo têm várias de suas áreas paralisadas de-

vido à greve, que foi iniciada no dia 29 de maio pelos professores e estudantes da USP, tendo posterior adesão dos funcionários da mesma, e pelo conjunto de servidores das demais estaduais.

Desde 2015 tendo reajustes inferiores a inflação, as perdas salariais na USP e Unicamp atingem 12,66%, enquanto na Unesp 16,04%. Portanto, não à toa, as categorias, reunidas no Fórum das Seis (entidade que reúne os sindicatos e Diretórios dos professores, funcioná-

rios e estudantes das três estaduais), recusaram de imediato o 1,5% proposto pelo Cruesp. "O índice é inaceitável frente às perdas que estamos tendo", disse o coordenador do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp (STU), João Raimundo Mendonça.

Enquanto a reunião de negociação era realizada, centenas de manifestantes de diversos campi das três universidades se reuniram para pressionar os reitores a aceitar as reivindicações das categorias.

Projeto Capoeira na UMES reúne alunos e mestres na Achiropita, no sexto Batizado e Graduação

"A presença dos que se graduam hoje, a grande maioria de alunos vindos das escolas públicas é uma importante contribuição da União Municipal dos Estudantes Secundaristas e São Paulo (UMES) na defesa de uma expressão de nossa cultura que é a capoeira", afirmou o professor Fabiano Pávio, coordenador do projeto Capoeira na UMES, ao anunciar a troca de cordas, solenidade do 6º Batizado e Graduação de capoeiristas.

Na abertura, realizada dia 9 na sede da Igreja Nossa Senhora da Achiropita, localizada no bairro do Bixiga, Pávio ressaltou que esta foi "a mais representativa das solenidades de graduação, prestigiada por mais de 20 mestres, contramestres, mestrandos e professores de capoeira da cidade de São Paulo".

O mestre Paulão que



Alunos, mestres e professores após a graduação

supervisiona o projeto junto com o mestre Bambu, foi muito aplaudido ao criticar o descaso dos órgãos de governo, em especial os da área de educação, com "essa expressão cultural genuinamente brasileira". "Temos que ocupar espaços dentro das estruturas de governo e do parlamento para mudar essa realidade", acrescentou.

O clima foi de integra-

ção entre os capoeiristas graduandos, os professores e mestres que participaram jogando capoeira e animando os movimentos com palmas, cantares, berimbau, pandeiros e atabaques. A luta de capoeira foi seguida pelo jongo com jovens e estudantes, entre eles líderes comunitários do Bixiga e diretores da UMES, todos participando da dança junto com os capoeiristas.

A categoria denuncia que, além dos cortes de direitos e precarização do trabalho, privatização vai atingir a população com o aumento da conta de luz

O Coletivo Nacional dos Eletricistas (CNE), que reúne federações e sindicatos de trabalhadores nas empresas de energia, decretou nesta segunda-feira, 11, uma paralisação nacional de 72 horas dos funcionários da Eletrobrás, em protesto contra o plano do governo de privatizar a estatal e suas subsidiárias de distribuição.

Para além da manutenção da empresa como pública e estatal, os funcionários também pedem a saída do presidente da companhia, Wilson Pinto Ferreira Junior, que vem capitaneando o desmonte da empresa enquanto Temer tenta, sem sucesso, aprovar medidas para a sua privatização no Congresso Nacional.

Em nota dirigida à população e à categoria, o CNE ressaltou que "não temos dúvida de que o comportamento da Eletrobrás fortaleceu o movimento grevista. Esquece-se a empresa de que são os trabalhadores que estão sofrendo as consequências da política privatizante implantada por Wilson Pinto. Os cortes de direitos e benefícios ferindo o ACT vigente, a implantação do CSC (Centro de Serviços Compartilhados - espécie de centro de operações de todas as componentes da Eletrobrás para assuntos como contabilidade, RH, jurídico, etc.) de forma atabalhoada, os assédios morais e sexuais que aumentaram nas empresas, a diminuição do efetivo de trabalhadores resultando em precarização do serviço, é o que a categoria elétrica, que construiu esta enorme empresa, tem enfrentado diariamente".

O diretor jurídico do Sindicato dos Urbanitários do Maranhão, Wellington Diniz, acrescenta que "desde que assumiu o cargo, Wilson está implementando uma reestruturação que vem atingindo direitos adquiridos pelos trabalhadores, além de diminuir a capacidade de atuação das empresas [da Eletrobrás] frente a seus concorrentes", disse.

O CNE também reitera que a Eletrobrás é de suma importância para o país, em especial para as regiões norte e nordeste, onde a oferta de energia é mais complicada, por haver mais regiões de difícil acesso e cuja oferta de energia é, ainda assim, indispensável. Para se ter uma idéia, a entidade explica que atualmente o governo federal detém 63% do capital total da Eletro-

brás, sendo 51% da União e outros 12% do BNDESPar, e a empresa representa 32% da capacidade instalada de geração de energia, além de atuar na distribuição em seis estados (Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima, Alagoas e Piauí) e ser responsável por 47% das linhas de transmissão de energia do país.

Com tudo isso, o governo não se cansa de tentar vendê-la, de preferência a preço de banana. Ainda na semana passada Michel Temer enviou um projeto de lei ao Congresso, em regime de urgência, para a venda das seis distribuidoras de energia da Eletrobrás que atuam em regiões deficitárias. Alguns dias depois, a Justiça do Trabalho do Rio de Janeiro determinou a suspensão do processo de venda de cinco das seis distribuidoras por falta de "estudo sobre o impacto da privatização nos contratos de trabalho em curso".

Nesse sentido, Pedro Blois, presidente da FNU (Federação Nacional dos Urbanitários), entidade que representa a categoria dos eletricistas em todo o país, aponta que "ao contrário do que o governo diz, a privatização da Eletrobrás irá aumentar a conta de luz para o consumidor comum e a greve é um alerta para a população sobre esse risco. Além do mais, a política de privatização coloca em cheque a soberania nacional no planejamento e na operação da matriz elétrica brasileira, uma vez que o patrimônio do povo será vendido ao capital estrangeiro e, ainda por cima, a preço de banana".

Essa tentativa do governo fica ainda mais clara ao considerar medidas como a MP 814/17, encabeçada pelo governo Temer, e que tinha como objetivo a privatização da Eletrobrás e das distribuidoras de energia elétrica, mas que foi arquivada em maio. Essa MP queria viabilizar a venda das distribuidoras da Eletrobrás que operam no Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima, Alagoas e Piauí por R\$ 50 mil (o preço de um carro!), desde que fossem assumidas certas dívidas das distribuidoras.

Por motivos como esse "o CNE espera que a Diretoria da Eletrobrás reconheça o grande valor de sua força de trabalho e trabalhe contra o processo de privatização e por um ACT (Acordo Coletivo de Trabalho) justo à categoria", termina a nota dos eletricistas.

Rodoviários do Rio voltam ao trabalho, mas ainda continuam em estado de greve

Em assembleia que terminou na noite de segunda-feira (11), os motoristas e cobradores de ônibus do Rio de Janeiro, que estavam em greve desde a madrugada, decidiram voltar ao trabalho na terça-feira.

A categoria, que pedia 10% de recomposição salarial, resolveu aceitar os 7% oferecidos pelo prefeito Marcelo Crivella e o aumento do valor das ceastas básicas de R\$ 200 para R\$ 300.

No entanto, mesmo retornando ao trabalho, a categoria continua em estado de greve, segundo o presidente do Sintraturb, Sebastião José. A categoria reivindica o fim do acúmulo de função de motorista e cobrador. "Disso a categoria não abre mão, e vamos nos reunir novamente para definir os ru-

mos do movimento", disse o presidente do sindicato.

"A categoria vive hoje um estado de escravidão, onde muitos profissionais trabalham mais de 16 horas por dia. Isso sem contar que, com o fechamento até agora de oito empresas, mais de seis mil pais de família estão sem saber o que fazer. Essa situação precisa ter um fim", continuou Sebastião.

Os rodoviários estavam sem aumento há dois anos, e reivindicam ainda plano de saúde, aumento do vale-alimentação e do vale-refeição.

Na semana passada, as empresas de ônibus haviam acenado com reajuste de apenas 4%, sendo 2% este mês e mais 2% em novembro, o que foi considerado "ridículo" pelo Sindicato dos Motoristas e Cobradores de ônibus do Rio.

Intelectuais e artistas repudiam a alienação da economia argentina ao FMI

Intelectuais e artistas argentinos organizados no espaço Carta Aberta pedem ao Congresso Nacional que detenha o acordo que o governo está assinando com o Fundo Monetário Internacional, FMI. Mauricio Macri, passando por cima das exigências insuportáveis que esse órgão impõe, pediu um empréstimo de mais de 50 bilhões de dólares.

Em extenso documento, os artistas sublinham a necessidade de que o acertado entre o Executivo e o Fundo seja impedido porque “a definição de recorrer ao FMI e o empréstimo stand-by acordado significam o aprofundamento das políticas neoliberais do governo do partido Cambiemos. Os condicionamentos do acordo acentuarão as políticas de ajuste. Os serviços públicos continuarão subindo pela redução planejada de subsídios, aumentarão as demissões no setor público e as quedas do salário real dos trabalhadores nesse âmbito, serão cortados drasticamente, as transferências de recursos às províncias. A obra pública em andamento e prevista pelo Estado praticamente será suspensa com o impacto que isso provocará em termos de redução da atividade econômica”, afirmam.

Difundido no sítio www.cartaabierta.org.ar, o texto frisa que com esse acordo “o coração da política econômica ficaria fora da decisão cidadã, de seus governantes e representantes para ser definida por especialistas do organismo que opera como o grande auditor dos capitais financeiros globais”.

Os intelectuais chamam a todos os blocos parlamentares “que se proponham impedir a consumação da rendição ante o FMI, decidida pelos CEOs que governam, se pronunciem claramente comprometendo-se a que usarão todos os métodos eficazes, desde o voto negativo até a não concessão do quórum, para evitar a sanção de leis que viabilizem o acordo”.

“Uma conduta que não se alinhe nessa direção dividirá inevitavelmente águas entre aqueles que se identifiquem com a defesa de um rumo democrático, nacional e popular e outros que decidam ser a pseudo oposição dentro do regime neoliberal”, advertem.

Por último indicam que “é necessário opor ao programa do Fundo cujos pontos principais não podem omitir a reposição dos instrumentos de regulamentação do movimento de capitais, a recuperação do dispositivo regulatório do mercado de câmbios, a implementação de uma legislação que permita a intervenção e regulamentação do comércio exterior por parte do Estado...”

O Espaço Carta Aberta, surgido em março de 2008, está integrado por dezenas de personalidades da cultura, educação, jornalismo, ciências, cinema, artes e literatura, entre outras profissões e atividades.

Agustín Rossi, chefe da bancada de deputados da Frente para la Victoria-Partido Justicialista, assinalou que o acordo tinha sido feito “pelas costas do povo argentino. Esse acordo não tem legitimidade social nem popular. E se Macri não manda ao Congresso o acordo com o FMI, também não terá legitimidade política”. “Com o FMI perdemos todos”, concluiu o deputado.

Governo guatemalteco ignorou os alertas de erupção do vulcão: 110 mortos e 200 desaparecidos

Desde a primeira erupção no dia 3 de junho, a Guatemala contabiliza mais de 110 mortos e 200 desaparecidos devido à ação irresponsável do governo que ignorou os pedidos de evacuação para fugir dos rios de lava vulcânica. A maioria das pessoas foi queimada viva pela ação do vulcão Fuego, no oeste do país.

Com o passar dos dias vai ficando cada vez mais evidente a negligência criminosa do governo antes do possível desastre, bem como a indiferença em relação ao sofrimento e às mortes. O fato é que erupções significativas e cada vez mais explosivas foram claramente captadas, o que indicava a necessidade de reassentar comunidades que se encontravam no caminho dos canais conhecidos de materiais vulcânicos.

No domingo em que ocorreu a erupção, às 6 da manhã, o Instituto Nacional de Sismologia, Vulcanologia, Meteorologia e Hidrologia (Insivumeh) chegou a emitir um boletim alertando sobre

os riscos, uma vez que foram notados “ruidos constantes semelhantes a uma locomotiva”. A situação fez com que o instituto recomendasse a Coordenadora Nacional para a Redução de Desastres (Conred) que emitisse o nível de alerta “necessário”. Outro boletim às 10h05 apontou para o agravamento da situação e que, portanto, seria “inadmissível ficar dentro ou perto destes canais devido à erupção”. Às 11:00 o Conred tuitou criminosamente: “Por enquanto, as evacuações não são necessárias”.

Alicia García, 52 anos, uma avó que morava em San Miguel Los Lotes, disse que representantes do Conred chegaram a visitar sua comunidade naquela manhã para tirar fotos do vulcão “que estava trovejando muito desde o domingo anterior” e acalmar as preocupações. “Então, não precisávamos sair, e só precisávamos nos trancar em nossas casas, foi o que eles nos disseram”, denunciou.

Assad: “Síria vence agressão dos EUA e satélites graças à união do governo com o povo”

O presidente sírio, Bashar Al-Assad, denunciou que os EUA seguem apoiando terroristas e bombardeando a Síria para uma ilegal “mudança de governo, o que ocorre desde o início, quando provocaram o conflito”.

Assad, em entrevista ao jornal inglês Mail on Sunday, divulgada dia 10, destaca que a Síria controla 80% do território nacional apesar de toda a ingerência estrangeira, porque o seu governo conta com vasto apoio popular.

Enquanto “estamos lutando contra os terroristas, apoiados pelos americanos e seus fanto-

ches, seja na Europa ou em nossa região. Estamos lutando contra eles e temos o apoio público para combater esses terroristas. É por isso que estamos avançando. Não poderíamos fazer esses avanços somente com os reforços russo e iranianos”, afirmou o presidente da Síria.

“Para ser completamente franco e explícito”, acrescentou, “a Inglaterra e a França são satélites políticos dos EUA”.

Ele denunciou o apoio dirigido pelos EUA, Inglaterra e França à organização Capacetes Brancos e suas encenações e falsos vídeos sobre inexistentes ataques do governo com armas químicas.

Cineasta russo, Karen Shakhnazarov, em visita ao Brasil:

“Se não alimentamos a nossa cultura, o povo perde sua alma”



“É muito importante para nós mostrarmos nosso trabalho para o público brasileiro”

A debacle da pseudo-esquerda e o renascer da humanidade (7)

Continuação da página 8

Os sujeitos que assim agiam – Maurice Barrès, Paul Bourget, Henri Rochefort, Léon Daudet, Charles Maurras, toda a cúpula do exército, todo o governo de Felix Faure e a maioria do parlamento – não era a ralé que apoiou o golpe de Estado de Luís Napoleão, mas os representantes ideológicos, políticos, literários e militares da grande burguesia francesa, isto é, sobretudo (embora não exclusivamente) da fração financeira, imperialista, monopolista dessa burguesia.

Esse era o escândalo que conduziu tantos homens diferentes à defesa de Dreyfus. Hannah Arendt faz uma observação que é pertinente:

“É peculiar daquele período que um erro judicial pudesse despertar tais paixões políticas e inspirar uma sucessão tão infundável de julgamentos e revisões, para não mencionar os duelos e as lutas corporais. A doutrina da igualdade perante a lei estava ainda tão firmemente implantada na consciência do mundo civilizado que um único erro da Justiça era capaz de provocar a indignação pública, de Moscou a Nova York. (...) O mal causado a um único oficial judeu na França pôde provocar no resto do mundo reações mais veementes e mais unidas do que todas as perseguições a judeus alemães uma geração depois. Até a Rússia czarista pôde acusar a França de barbárie, enquanto na Alemanha os membros da *entourage* do Kaiser expressavam abertamente sua indignação” (Hannah Arendt, “Origens do Totalitarismo”, trad. Roberto Raposo, Cia das Letras, p. 113, grifo nosso).

Naquele momento, a política do governo francês, e dessa elite, é o revanchismo – por isso, a questão da Alsácia e Lorena, anexadas pelos alemães em 1871, aparece a toda hora. Não é estranho ao caso que parte da família Dreyfus esteja na Alsácia, súditos do kaiser, isto é, dos alemães. Aliás, o principal empreendimento da família, uma fábrica têxtil, está em território alemão – na mesma cidade em que Alfred Dreyfus nasceu, Mulhouse, que passou da França para a Alemanha após a guerra franco-prussiana (1870-1871).

No entanto, a oposição

avançava – os republicanos radicais, representantes de parcelas não-monopolistas da burguesia, e os socialistas, representantes da classe operária e da pequena-burguesia.

Sobre os últimos, é preciso uma observação: foi durante o caso Dreyfus, com a agitação popular à beira de levar de roldão a Terceira República inaugurada com o massacre da Comuna, que a ala direita dos socialistas resolveu entrar para o governo – o mesmo governo que, no Ministério da Guerra, tinha o sanguinário Galliffet.

Foi então que Alexandre Millerand se tornou ministro do Comércio, Indústria, Correios e Telégrafos, 1899.

Tratava-se, escreveu então Lenin, do “socialismo ministerialista”, aquele que trocava qualquer princípio, mesmo de fachada, por um lugar no governo...

COLABORACIONISTA

Temos, aqui, algo que já conhecemos, ainda que em imagem negativamente, pois não existe diferença moral entre ver ou falsificar provas onde elas não existem e negar que existam provas, ou tentar apagá-las, onde elas existem.

Não havia prova contra Dreyfus. O “bordereau” – um bilhete para o adido militar alemão, conde Maximilian von Schwartzkoppe, encontrado no lixo da embaixada alemã pela senhora Bastian, faxineira que era agente da inteligência francesa – era uma prova de sua inocência, uma prova a favor dele.

Em março de 1896, um ano e cinco meses após a prisão de Dreyfus, o tenente-coronel Picquart, novo chefe do Deuxième Bureau (o serviço de informações do exército), identificou um oficial de nome Esterhazy como o verdadeiro autor do bilhete.

No entanto, isso garantiu apenas o desterro de Picquart, subitamente nomeado para um comando na Argélia.

Nem depois que o escândalo estourou publicamente, os acusadores de Dreyfus voltaram atrás.

E não porque acreditassem que ele era culpado. Quando se descobriu que um oficial, o tenente-coronel Hubert-Joseph Henry, falsificara o dossiê que servira de base para a condenação de Dreyfus (e, depois de preso, apareceu, na *Gazette de*

France, um artigo de Charles Maurras que ficaria célebre pela canalicidade: “*Sua malfadada falsificação será aclamada como um de seus mais nobres feitos de guerra!*”, escrevia Maurras (cf. George D. Painter, “*Marcel Proust: A Biography*”, Vol. One, Penguin Books, 1965, p. 219).

Maurras terminaria a vida condenado, em 1945, à prisão perpétua, por traír a França, ao colaborar com os nazistas durante a ocupação, na II Guerra Mundial. As provas de sua traição eram públicas – mas ele não encontrou nada melhor para dizer do que “é a vingança dos *dreyfusard*”...

Na verdade, era o contrário: o governo fantoche de Pétain, servil aos nazistas até o fim, e que teve em Maurras um dos seus mais nojentos ideólogos, é que fora uma revanche dos “*antidreyfusard*”.

FAÇANHA

Está claro porque, em 1898, na sua “*Carta à França*”, Emile Zola colocou o problema moral em primeiro plano. Ainda que sem entender completamente o que estava ocorrendo – algo que ele jamais tinha visto – Zola percebeu completamente a relação desse problema moral com a questão da liberdade, ou seja, ele relacionou a derrocada moral dos cães de fila “*antidreyfusard*” com aquilo que, alguns anos depois, seria conhecido por fascismo:

“De todos os lados, se ouve dizer que a ideia de liberdade foi à falência. E, quando o caso Dreyfus irrompeu, esse ódio crescente da liberdade encontrou uma ocasião extraordinária, as paixões começaram a arder, mesmo entre os inconscientes. Não veem que, se atacam M. Scheurer-Kestner com tanta fúria, é porque ele pertence a uma geração que acreditou na liberdade, que queria a liberdade?” (Emile Zola, “*Lettre à la France: l’affaire Dreyfus*”, E. Fasquelle, Paris, 1898, p. 11).

Auguste Scheurer-Kestner era o vice-presidente do Senado francês, um industrial, que, depois de uma investigação parlamentar, declarara, em 1897, a inocência de Dreyfus – o que fez com que o ódio e a difamação dos “*antidreyfusard*” se voltassem contra ele.

Continua na próxima edição

O diretor do estúdio Mosfilm veio lançar o seu longa *Anna Karenina - A história de Vronsky* e se encontrou com diretores, roteiristas e estudantes de artes visuais

Em visita ao Brasil pela primeira vez para a pré-estreia do seu filme *Anna Karenina - A história de Vronsky*, que entrou em cartaz em diversas capitais do país essa semana, o diretor Karen Shakhnazarov, que também dirige o estúdio Mosfilm, disse estar muito satisfeito de poder mostrar ao público brasileiro um filme russo novo, o que não tem sido comum nos últimos tempos.

“É muito importante para nós podermos mostrar nosso trabalho recente para um novo espectador, assim como para o público brasileiro. De maneira geral, é enriquecedor poder ter acesso a filmes que tragam um novo ponto de vista do fazer cinema, além do que normalmente chega ao país, com produções, em sua maioria, norte-americanas”.

O diretor, que veio a São Paulo a convite do CPC-UMES Filmes, falou do quanto tem sido importante a parceria com a entidade estudantil que, segundo ele, “só tem demonstrado que com decisão e determinação, podemos fazer muitas coisas acontecerem”.

“É muito gratificante ver o entusiasmo dessa juventude. Tiveram uma ideia, nos procuraram no Mosfilm e, sem burocracias, de forma rápida, estamos realizando projetos”.

CPC-UMES FILMES

A parceria a que o cineasta se refere começou há cerca de cinco anos, quando o CPC-UMES Filmes iniciou uma negociação com o estúdio russo para a distribuição no Brasil de DVDs de filmes produzidos por eles, inicialmente filmes da série Cinema Soviético. A partir daí foram mostradas de cinema soviético e russo, que, completando em 2017 a sua quarta edição, já fazem parte do calendário de cinema da cidade de São Paulo e outras capitais do país. A entidade estudantil já trabalha com o licenciamento e a comercialização de mais DVDs, inclusive filmes que acabaram de ser lançados na Rússia; além da intermediação e participação da entidade com novos canais de parceria, como TVs e salas de exibição, para ampliar o acesso do público à rica cinematografia russa.

“Temos muitos exemplos na história do quanto uma ideia e a determinação de levá-la adiante fizeram a diferença. Gostamos dessas atividades internacionais, que têm tudo a ver com a indústria cinematográfica. O cinema é, por si só, uma arte com vocação internacional, de co-produções”, disse o cineasta.

Shakhnazarov, que está à frente do Mosfilm desde 1998, falou na quarta-feira (6) para uma plateia de convidados que reuniu no Cinearte Petrobras, na Av. Paulista, diretores de cinema, roteiristas, alunos de artes visuais e amantes de cinema para ouvi-lo contar um pouco de sua trajetória à frente do estúdio de cinema, considerado o maior e mais antigo da Europa.

“Quando o Mosfilm foi criado, a partir da visão certa do Estado Soviético sobre a importância para um país do fortalecimento da sua arte e da sua cultura, éramos um estúdio que impunha respeito na Europa e na Ásia. Mas, a partir da queda da União Soviética o

Mosfilm ficou praticamente destruído. Tivemos que recomeçar do zero”.

Ressaltando o papel da cultura para o pleno desenvolvimento de uma nação, o diretor diz que é como na guerra, “se não alimentamos nosso próprio exército, é como se alimentássemos o exército do inimigo. Na arte e na cultura é assim. Se não alimentamos a nossa própria cultura, o povo perde a sua alma”.

“Quando fui nomeado, pensei como um diretor de cinema: o que precisamos para fazer um filme?”

MOSFILM

Entendendo que, especialmente na indústria cinematográfica, a qualidade e o conteúdo da arte são tão importantes como a qualidade técnica, o conhecimento tecnológico, a qualificação e o aprimoramento de profissionais, Shakhnazarov conta que foi à luta para, pouco a pouco, equipar o estúdio com o que há de mais moderno no mercado cinematográfico.

“Só podíamos contar com o acervo de filmes que tínhamos e alguma ajuda do governo. Investíamos tudo que arrecadávamos com as primeiras produções, na compra de equipamentos. Depois de 20 anos nos equipando e modernizando, podemos dizer que hoje estamos em pé de igualdade, ou até melhores do que os mais importantes estúdios de cinema do mundo”.

O cineasta diz que mesmo sendo uma estatal, o Mosfilm não depende financeiramente do governo e que também não há controle do Estado sobre o que é produzido no estúdio. “Fazemos filmes sobre qualquer tema, nunca percebi ou sofri qualquer tipo de pressão sobre o conteúdo do que produzimos, tanto enquanto diretor de cinema como na condição de diretor do Mosfilm”.

Ele conta que o governo tem um programa de apoio ao jovem cineasta e que com isso 80% dos jovens que saem da universidade com formação em audiovisual passam por capacitação no Mosfilm em cursos e estágios gratuitos. “É muito importante para a renovação de talentos. É uma troca, a maioria dos que se capacitam conosco retornam para trabalhar no estúdio”.

Criado em 1923, o Mosfilm tem um acervo de mais de 2.500 filmes, e ocupa uma área de 34 hectares em Moscou. Com 15 pavilhões de cinema, o maior com 2 mil metros quadrados, estúdios de montagem, de engenharia de áudio, museu e complexo de cenário cinematográfico grandioso, o local também abriga um estúdio de música que comporta uma orquestra grande e coro de cem pessoas onde são feitas gravações e trilhas sonoras, como as músicas de *Anna Karenina - A história de Vronsky*, que foram gravadas por orquestra ao vivo.

Simpático e descontraído, Karen Shakhnazarov falou que estar no Brasil era “realizar um sonho de criança” e ainda brincou: “já que o meu país não tem mesmo nenhuma chance na Copa do Mundo, vou torcer pelo Brasil”.

ANA LÚCIA

Pelo Mundo



CAIO REARTE*

Uma espiada no 'Governo Invisível'

Estudando as agências de inteligência e o chamado "Governo Invisível", aprendi que há dois tipos de vazamentos de informações confidenciais:

1. As informações embaraçosas que o Governo Invisível morre de medo que vazem.
2. As informações cuidadosamente selecionadas que o Governo Invisível quer que vazem.

Na primeira categoria, temos os casos de Daniel Ellsberg, Ed Snowden, Thomas Drake e outros. Nestes casos, a informação vazada diz respeito a graves crimes ou operações inconstitucionais que o governo está escondendo do público. Os indivíduos responsáveis por vazar essas informações são massacrados pelo sistema de justiça e pelos políticos. Em alguns casos, o funcionário se arrisca para transmitir a informação para um jornalista, e o jornalista por sua vez, trai a fonte e vai direto para a agência avisar que houve um vazamento.

Na segunda categoria, estão os vazamentos que as próprias agências de inteligência fazem, com objetivos políticos. Neste caso, elas cultivam relacionamentos com alguns jornalistas (em geral em Washington, DC), e dão informações privilegiadas - e secretas - que eles querem estampadas nas capas dos jornais. Esses relacionamentos são o "mercado dos segredos" descrito por James Risen, um veterano com 30 anos de jornalismo e vencedor de um Pulitzer. Em troca, quando esses jornalistas querem publicar algo visto como danoso, as agências intervêm e bloqueiam as matérias. Como mágicos, revelam o que está na mão direita e distraem o público enquanto a mão esquerda executa todo tipo de operação ilegal e anti-ética. Com isso, eles controlam o que o público sabe e a narrativa da imprensa.

Quinta-feira, 7 de junho, um dos "vendedores" do mercado de segredos foi preso [correção: foi detido, interrogado e liberado], acusado de vazar informações para uma jornalista (com quem também teve um relacionamento amoroso). Ele é James Wolfe, o ex-diretor de segurança do poderoso Comitê de Inteligência do Senado dos EUA. O vazamento em questão ocorreu em algum ponto dos últimos 3 anos, porém ele deteve esse cargo por 29 anos. Será que ele passou 26 anos no cargo, e só resolveu vazar informações nos últimos 3 anos, sem nenhuma recompensa aparente? Na minha opinião, é óbvio que não. Uma das razões para ele se manter tanto tempo no cargo deve ter sido justamente sua habilidade de controlar o fluxo de informações sigilosas - revelando as coisas certas enquanto defendia a todo custo os segredos explosivos.

Ele um típico membro poderoso do Governo Invisível - até hoje, seu nome era praticamente desconhecido, mas há quase três décadas ele exercia seu poder. Ou seja, entraram e saíram cinco Presidentes sem que seu poder fosse abalado. Ele fez parte dessa burocracia permanente ligada às agências de inteligência que acabam moldando a política dos governos independentemente da filiação política ou da plataforma dos membros do Executivo e Legislativo eleitos pelo público.

*Caio Rearte é colaborador do HP e editor do blog caiorearte.blogspot.com Twitter: [caiorearte2](https://twitter.com/caiorearte2)

Snowden continua refugiado cinco anos após denunciar vigilância massiva dos cidadãos nos EUA

Cinco anos após ter divulgado a maior filtragem de documentos secretos da história, o ex-técnico da CIA, Edward Snowden, comemora o impacto da revelação de que a Agência de Segurança Nacional (NSA) dos Estados Unidos grameia milhões de usuários na internet e nos telefones diariamente.

Snowden vazou para o jornal inglês "Guardian" a ordem secreta do tribunal secreto Fisa que ordenou o grampo geral de todos os 98,9 milhões de telefones da operadora Verizon por três meses, e também as 41 páginas de PowerPoint que revelam a existência do Programa Prisma, através do qual a NSA grameia diretamente os usuários do Google, Microsoft, Facebook, Skype, Apple e mais quatro gigantes da internet, e ainda que o grampo atinge os EUA e o planeta inteiro.

"As pessoas dizem que não mudou nada, que ainda há vigilância massiva, porém as mudanças não se medem assim. Veja a situação prévia a 2013 e tudo o que passou. Tudo mudou", declarou Snowden, que vive exilado na Rússia. "Me deu medo, porém ao mesmo tempo foi libertador. Tinha a sensação de que era algo definitivo. Já não havia volta atrás", acrescentou.

Para Snowden, a mudança mais importante foi a tomada de consciência por parte da opinião pública. "O governo e o setor empresarial se aproveitaram de nossa ignorância, porém agora sabemos. As pessoas estão conscientes. Mesmo sem ter poder para detê-los, estamos tentando. As revelações fizeram com que a luta seja mais equilibrada", frisou.

Importante acadêmico, especializado em segurança de informação e privacidade, Ross Anderson, avalia que Snowden cumpriu um papel transcendental. "As revelações de Snowden foram um destes momentos luminosos que mudam a forma como a gente vê as coisas", explicou Anderson, professor de Engenharia de Segurança no laboratório informático da Universidade de Cambridge

Aperto de mão entre Kim e Trump abre em Cingapura cúpula pela paz



As discussões enfocam construção da paz permanente na Península Coreana

China faz encontro com Rússia, Índia, Irã e Paquistão para a cooperação econômica

Enquanto os ânimos andavam para lá de exaltados na cúpula do G7 no Canadá, na cimeira da Organização de Cooperação de Xangai (OCX), realizada em Qingdao na China no mesmo final de semana, com o presidente Xi Jinping de anfitrião, ao contrário, tudo transcorreu na maior cordialidade, com a declaração final proclamando por uma nova ordem mundial multilateral, pacífica, mutuamente vantajosa e sem diktats, respeito à lei internacional e mediação dos conflitos. O encontro ressaltou que, com a adesão da Índia e Paquistão, a OCX se tornou uma organização regional "única, influente e respeitada".

A OCX, que como Putin descreveu, começou modestamente para buscar solucionar os problemas de fronteira entre Rússia, China e repúblicas ex-soviéticas e o enfrentamento dos petroterroristas -, hoje reúne a Rússia, China, Índia, Paquistão e mais Cazaquistão, Uzbequistão, Quirguistão e Tajiquistão. O Irã está na fila para ingresso em breve. A participação da Índia e Paquistão foi oficializada no ano passado.

Tornou-se a principal organização regional pelo desenvolvimento euroasiático, que atualmente se expressa na convergência do processo liderado por Moscou de União Euroasiática e da Iniciativa Cinturão-Estrada (BRI, na sigla em inglês), a "Rota da Seda", que reconstrói a milenar ligação entre os principais centros europeus e asiáticos, através de uma miríade de ferrovias de alta velocidade, portos, portos secos, rodovias, redes de fibra ótica e indústrias.

A Índia ainda mantém restrições ao projeto da Rota da Seda, em decorrência de atravessar áreas de conflito com o Paquistão - mas recentemente Nova Delhi e Pequim reativaram as conversas.

Na cúpula de Qingdao, o presidente iraniano Hassan Rouhani recebeu o apoio explícito da OCX à preservação do Acordo Nuclear que Trump rasgou. A organização também se solidarizou com os esforços da Síria para superar a agressão e a guerra, e com as negociações de paz no Afeganistão.

Como afirmou Xi na abertura, "devemos respeitar a escolha de caminhos de desenvolvimento um do outro e acomodar os principais interesses e preocupações de cada um. Devemos melhorar a compreensão mútua, colocando-nos nas posições dos outros e impulsionando a harmonia e a unidade, buscando o terreno comum e superando as diferenças".

A cimeira foi precedida por encontro entre o presidente Xi e o presidente russo Vladimir Putin, que foi condecorado e chamado pelo líder chinês de "meu melhor e mais próximo amigo". No encontro, Xi fez questão de afirmar que a "parceria estratégica abrangente" da China-Rússia está "no nível mais alto, é a mais profunda e estrategicamente mais significativa relação entre os principais países do mundo".

Entre as deliberações acertadas por Xi e Putin estão o aumento do uso das moedas nacionais (rublo e yuan) no intercâmbio comercial bilateral, no investimento e no financiamento, bem como esforços para harmonizar programas e estratégias para desenvolver as economias nacionais. No ano passado, 9% dos fornecimentos russos foram pagos em rublos, enquanto as empresas russas pagaram 15% das suas importações da China em yuans, contra respectivamente apenas 2% e 9% há três anos.

Grandes projetos comuns, como o desenvolvimento de um avião comercial de passageiros da categoria dos maiores da Boeing e Airbus segue em frente, assim como os gasodutos em implantação e a planta de GNL. A estatal de energia nuclear russa Rosatom irá construir quatro centrais nucleares na China e fornecerá reatores a nêutrons rápidos, jóia tecnológica russa, que permite reduzir ao mínimo os detritos radioativos, para uso do programa espacial chinês. A China vai participar da modernização dos portos da rota do Norte, no Ártico, que encurta significativamente o trajeto até os principais centros europeus.

Ao sentar ao lado de Kim, Trump disse ter esperança de que a cúpula será "bem-sucedida". "Superamos todos os problemas e estamos aqui hoje", retrucou o coreano

Começou nesta segunda-feira (11) já terça-feira 12 em Cingapura, o histórico encontro do líder da Coreia Popular, Kim Jong Un com o presidente dos EUA, Donald Trump. A esperada reunião teve início com um aperto de mão entre Kim e Trump e pode abrir caminho para a assinatura de um tratado definitivo de paz e para a desnuclearização da península coreana.

O local do encontro é hotel Capella, na ilha de Sentosa, que é famosa por suas praias turísticas e seus campos de golfe. Cingapura designou partes de sua região central como uma "zona especial", onde os procedimentos de segurança são mais rigorosos. O espaço aéreo sobre a rica cidade-Estado está temporariamente restrito durante partes dos dias 11, 12 e 13 de junho.

Quando se sentou ao lado de Kim, Trump disse ter esperança de que a cúpula será "tremendamente bem-sucedida". "Teremos um ótimo relacionamento pela frente", acrescentou. O líder norte-coreano disse em seguida que houve uma série de "obstáculos" para o encontro. "Nós superamos todos eles e estamos aqui hoje", disse a repórteres, por meio de um tradutor.

Kim Jong disse que deseja "avançar para uma desnuclearização da península coreana", mas por meio de um processo "passo a passo", com garantias de segurança. Além do encontro de Trump e Kim, estão previstas diversas reuniões entre representantes dos dois países ao longo de cinco dias.

Kim Jong disse que deseja "avançar para uma desnuclearização da península coreana", mas por meio de um processo "passo a passo", com garantias de segurança. Além do encontro de Trump e Kim, estão previstas diversas reuniões entre representantes dos dois países ao longo de cinco dias.

Como registrou a agência de notícias estatal KCNA, da Coreia do Norte, as discussões vão focar "a questão da construção de um mecanismo de manutenção da paz permanente e durável na península coreana, a questão da realização da desnuclearização da península coreana e outras questões de interesse mútuo". Trata-se de uma "era de mudança".

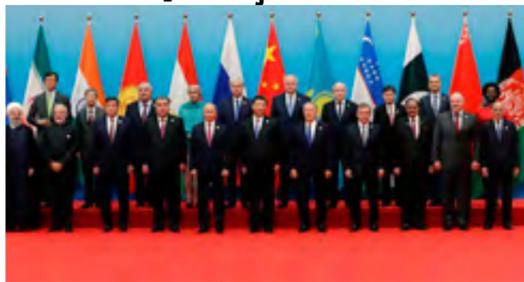
Antes da reunião cara a cara, e do aperto de mão, após deixar a atribulada cúpula do G7 no Canadá, Trump havia dito aos repórteres que "ia saber na hora" se a negociação "iria avançar ou não". "Não tem como saber [previamente], isso nunca foi feito nesse nível antes". Acompanham Trump seu chefe de gabinete John Kelly, o secretário de Estado Mike Pompeo, a porta-voz da Casa Branca, Sarah Sanders, e o conselheiro John Bolton.

O líder norte-coreano Kim está acompanhado dos seus principais auxiliares, Ri Yong Ho e Kim Yong Chol, e da sua irmã, Kim Yo Jong. Conforme a Reuters, Trump teria se convencido de que a Coreia está disposta à desnuclearização, mas não desarmamento unilateral, por etapas verificáveis e alívio escalonado das sanções. Está em discussão as garantias que propiciem um acordo definitivo de paz. Os presidentes Xi Jinping (China) e Vladimir Putin (Rússia) expressaram o final de semana seu apoio ao sucesso da reunião em Cingapura.

Foi a declaração de Ano Novo do líder Kim, pela reconciliação intercoreana, seguida pela delegação conjunta norte-sul nos Jogos Olímpicos de Inverno e pela cúpula de abril com Moon Jae-in (presidente do sul), que conduziu ao isolamento da política de sanções, provocações e ensaios de ataque nuclear à Coreia Popular, que haviam forçado Pyongyang, sob as mais duras condições, a desistir de sua força de dissuasão nuclear, após ter sido ameaçada pelo governo de W. Bush (que invadira o Iraque e o Afeganistão) com "ataque nuclear preventivo".

Reunião em Qingdao foi marcada pela cordialidade

Entre as deliberações acertadas por Xi e Putin estão o aumento do uso das moedas nacionais (rublo e yuan) no intercâmbio comercial bilateral, no investimento e no financiamento, bem como esforços para harmonizar programas e estratégias para desenvolver as economias nacionais. No ano passado, 9% dos fornecimentos russos foram pagos em rublos, enquanto as empresas russas pagaram 15% das suas importações da China em yuans, contra respectivamente apenas 2% e 9% há três anos.



Reunião em Qingdao foi marcada pela cordialidade

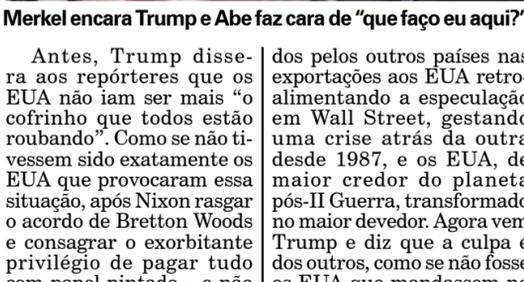
Entre as deliberações acertadas por Xi e Putin estão o aumento do uso das moedas nacionais (rublo e yuan) no intercâmbio comercial bilateral, no investimento e no financiamento, bem como esforços para harmonizar programas e estratégias para desenvolver as economias nacionais. No ano passado, 9% dos fornecimentos russos foram pagos em rublos, enquanto as empresas russas pagaram 15% das suas importações da China em yuans, contra respectivamente apenas 2% e 9% há três anos.

Grandes projetos comuns, como o desenvolvimento de um avião comercial de passageiros da categoria dos maiores da Boeing e Airbus segue em frente, assim como os gasodutos em implantação e a planta de GNL. A estatal de energia nuclear russa Rosatom irá construir quatro centrais nucleares na China e fornecerá reatores a nêutrons rápidos, jóia tecnológica russa, que permite reduzir ao mínimo os detritos radioativos, para uso do programa espacial chinês. A China vai participar da modernização dos portos da rota do Norte, no Ártico, que encurta significativamente o trajeto até os principais centros europeus.

Antes, Trump disse aos repórteres que os EUA não iam ser mais "o cofrinho que todos estão roubando". Como se não tivessem sido exatamente os EUA que provocaram essa situação, após Nixon rasgar o acordo de Bretton Woods e consagrar o exorbitante privilégio de pagar tudo com papel pintado - e não mais dólares que podiam ser convertidos em ouro -, e fazendo dos seus déficits gêmeos, fiscal e comercial, o "motor" da globalização, da desindustrialização interna e da metástase do rentismo.

Com os superávits obtidos pelos outros países nas exportações aos EUA retroalimentando a especulação em Wall Street, gestando uma crise atrás da outra desde 1987, e os EUA, de maior credor do planeta pós-II Guerra, transformado no maior devedor. Agora vem Trump e diz que a culpa é dos outros, como se não fosse os EUA que mandassem no FMI, no dólar, tivesse imposto as normas da OMC, as patentes e todo o resto, e que nas últimas décadas se declarasse a "nação indispensável" e o mundo unipolar.

Assim, a verdadeira foto da cúpula no Canadá é aque-



Merkel encara Trump e Abe faz cara de "que faço eu aqui?"

Antes, Trump disse aos repórteres que os EUA não iam ser mais "o cofrinho que todos estão roubando". Como se não tivessem sido exatamente os EUA que provocaram essa situação, após Nixon rasgar o acordo de Bretton Woods e consagrar o exorbitante privilégio de pagar tudo com papel pintado - e não mais dólares que podiam ser convertidos em ouro -, e fazendo dos seus déficits gêmeos, fiscal e comercial, o "motor" da globalização, da desindustrialização interna e da metástase do rentismo.

Com os superávits obtidos pelos outros países nas exportações aos EUA retroalimentando a especulação em Wall Street, gestando uma crise atrás da outra desde 1987, e os EUA, de maior credor do planeta pós-II Guerra, transformado no maior devedor. Agora vem Trump e diz que a culpa é dos outros, como se não fosse os EUA que mandassem no FMI, no dólar, tivesse imposto as normas da OMC, as patentes e todo o resto, e que nas últimas décadas se declarasse a "nação indispensável" e o mundo unipolar.

Reunião em Qingdao foi marcada pela cordialidade

Entre as deliberações acertadas por Xi e Putin estão o aumento do uso das moedas nacionais (rublo e yuan) no intercâmbio comercial bilateral, no investimento e no financiamento, bem como esforços para harmonizar programas e estratégias para desenvolver as economias nacionais. No ano passado, 9% dos fornecimentos russos foram pagos em rublos, enquanto as empresas russas pagaram 15% das suas importações da China em yuans, contra respectivamente apenas 2% e 9% há três anos.

Grandes projetos comuns, como o desenvolvimento de um avião comercial de passageiros da categoria dos maiores da Boeing e Airbus segue em frente, assim como os gasodutos em implantação e a planta de GNL. A estatal de energia nuclear russa Rosatom irá construir quatro centrais nucleares na China e fornecerá reatores a nêutrons rápidos, jóia tecnológica russa, que permite reduzir ao mínimo os detritos radioativos, para uso do programa espacial chinês. A China vai participar da modernização dos portos da rota do Norte, no Ártico, que encurta significativamente o trajeto até os principais centros europeus.

Antes, Trump disse aos repórteres que os EUA não iam ser mais "o cofrinho que todos estão roubando". Como se não tivessem sido exatamente os EUA que provocaram essa situação, após Nixon rasgar o acordo de Bretton Woods e consagrar o exorbitante privilégio de pagar tudo com papel pintado - e não mais dólares que podiam ser convertidos em ouro -, e fazendo dos seus déficits gêmeos, fiscal e comercial, o "motor" da globalização, da desindustrialização interna e da metástase do rentismo.

Com os superávits obtidos pelos outros países nas exportações aos EUA retroalimentando a especulação em Wall Street, gestando uma crise atrás da outra desde 1987, e os EUA, de maior credor do planeta pós-II Guerra, transformado no maior devedor. Agora vem Trump e diz que a culpa é dos outros, como se não fosse os EUA que mandassem no FMI, no dólar, tivesse imposto as normas da OMC, as patentes e todo o resto, e que nas últimas décadas se declarasse a "nação indispensável" e o mundo unipolar.

Assim, a verdadeira foto da cúpula no Canadá é aque-

Antes, Trump disse aos repórteres que os EUA não iam ser mais "o cofrinho que todos estão roubando". Como se não tivessem sido exatamente os EUA que provocaram essa situação, após Nixon rasgar o acordo de Bretton Woods e consagrar o exorbitante privilégio de pagar tudo com papel pintado - e não mais dólares que podiam ser convertidos em ouro -, e fazendo dos seus déficits gêmeos, fiscal e comercial, o "motor" da globalização, da desindustrialização interna e da metástase do rentismo.

Com os superávits obtidos pelos outros países nas exportações aos EUA retroalimentando a especulação em Wall Street, gestando uma crise atrás da outra desde 1987, e os EUA, de maior credor do planeta pós-II Guerra, transformado no maior devedor. Agora vem Trump e diz que a culpa é dos outros, como se não fosse os EUA que mandassem no FMI, no dólar, tivesse imposto as normas da OMC, as patentes e todo o resto, e que nas últimas décadas se declarasse a "nação indispensável" e o mundo unipolar.

Assim, a verdadeira foto da cúpula no Canadá é aque-

Antes, Trump disse aos repórteres que os EUA não iam ser mais "o cofrinho que todos estão roubando". Como se não tivessem sido exatamente os EUA que provocaram essa situação, após Nixon rasgar o acordo de Bretton Woods e consagrar o exorbitante privilégio de pagar tudo com papel pintado - e não mais dólares que podiam ser convertidos em ouro -, e fazendo dos seus déficits gêmeos, fiscal e comercial, o "motor" da globalização, da desindustrialização interna e da metástase do rentismo.

Com os superávits obtidos pelos outros países nas exportações aos EUA retroalimentando a especulação em Wall Street, gestando uma crise atrás da outra desde 1987, e os EUA, de maior credor do planeta pós-II Guerra, transformado no maior devedor. Agora vem Trump e diz que a culpa é dos outros, como se não fosse os EUA que mandassem no FMI, no dólar, tivesse imposto as normas da OMC, as patentes e todo o resto, e que nas últimas décadas se declarasse a "nação indispensável" e o mundo unipolar.

REUNIFICAÇÃO

A cúpula quase foi desmarcada após o conselheiro Bolton de forma provocativa alardear que a desnuclearização teria que ser "no modelo líbio". Pyongyang deixou claro que não estava discutindo a desnuclearização unilateral, mas um caminho para a paz, reconciliação e desnuclearização na península, que é parte do objetivo maior de reunificar pacificamente a milenar nação.

Nos últimos anos, a Coreia Popular foi caluniada como um país "isolado e atrasado", mas mostrou toda a sua capacitação científica, industrial e militar, ao construir um arsenal nuclear modesto - mas bastante efetivo, inclusive com a Bomba-H - e também mísseis balísticos capazes de alcançar o agressor. Ainda, máquina de propaganda do imperialismo não cessava de caracterizar Kim como "ditador", "louco" e "paria" - mas não pode evitar que o verdadeiro Kim surgisse diante do mundo.

Ao reafirmar a cúpula, o governo da Coreia Popular teve a sensibilidade de registrar que, com todas as peculiaridades de Trump ou que lhe são atribuídas, ele foi o primeiro presidente dos EUA a se dispor a discutir cara a cara uma solução para a península coreana e para um "armistício" que já dura 65 anos. Nação milenar, a Coreia foi dividida pela ocupação norte-americana e até hoje o Pentágono mantém no país mais de 28 mil soldados

ANTONIO PIMENTA

Bolívia aumenta investimento e PIB pode crescer acima de 4,5%

"Nossa previsão é de que em 2018 a Bolívia estará tranquilamente por cima de 4,5%, o que decepcionará uma vez mais o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional em suas projeções", declarou o ex-ministro da Economia Luiz Arce.

O ex-ministro assinalou que os indicadores das arrecadações do Serviço de Impostos Nacionais e a evolução do crédito e dos depósitos do sistema financeiro apontam que o crescimento de 2018 demonstra claramente a evolução. No primeiro trimestre, apontou, os dados mostram que existe um investimento público superior ao mesmo período de 2017. Os setores com maior peso na economia boliviana são indústria e manufatura, com 18 de participação; agropecuária, entre 11% e 12%; hidrocarbonetos com 7% e mineração com 5%.

"No segundo semestre de 2017 se viu uma recuperação muito boa da economia, quando crescemos cerca de 4,9%, que é uma taxa expressiva. Os setores mais importantes que têm o maior peso na economia boliviana não são os hidrocarbonetos nem a mineração, como diziam os economistas neoliberais", destacou.

Conforme Luiz Arce, em sua campanha contra o governo os apóstolos do neoliberalismo "não estão vendo as cifras" e se equivocam quando dizem que como caíram os preços internacionais, a economia boliviana reagiria da mesma forma.

Os avanços na área econômica, comemorou, tem se refletido em melhorias nas áreas sociais: em 2005, a esperança de vida era de 63 anos e atualmente é de

A debacle da pseudo-esquerda e o renascer da humanidade (7)

Para as elites das capitais europeias, tinham pouca significação acontecimentos como a guerra entre a Rússia e o Japão (1904-1905), a revolução russa de 1905-1907, ou a Revolução Mexicana, iniciada em 1910. No entanto, havia crises políticas graves, que indicavam algo de monstruoso avolumando-se abaixo da superfície. A principal, e mais conhecida, foi o caso Dreyfus, que partiu em dois pedaços (talvez mais...) a França, de 1894 até 1906

CARLOS LOPES

Após a I Guerra Mundial, em 1919, Paul Valéry escreveu: “Nós, as civilizações, sabemos agora que somos mortais”.

Para um homem que seria dentro em breve o poeta oficial da França, mantendo uma posição chauvinista desde a época do caso Dreyfus, e trabalhara no Ministério da Guerra francês durante todo o conflito inter-imperialista, essa era uma constatação assustadora.

[NOTA: Para ser justo com Paul Valéry, é preciso acrescentar que, quando da ocupação nazista da França, ele, com mais de 70 anos, foi de uma dignidade exemplar, recusando-se a colaborar, não se dobrando às perseguições, e somando-se à Resistência. Morreu algumas semanas depois de encerrada a II Guerra, homenageado por todo o seu povo.]

Significativo é o título da obra de Valéry em que ele escreveu essa frase (aliás, é a primeira frase desse duplo ensaio): “La crise de l’esprit”, ou seja, “A crise do espírito”.

Por exemplo, diz ele: “A crise militar pode ter acabado. A crise econômica é visível em toda sua força; mas a crise intelectual, mais sutil, e que, pela sua própria natureza, toma as aparências mais enganosas (pois ela se passa no reino da dissimulação), esta crise dificilmente deixa entender seu verdadeiro ponto, sua fase.

“Ninguém pode dizer o que amanhã estará morto ou vivo na literatura, na filosofia, na estética. Ninguém sabe ainda quais ideias e quais modos de expressão serão incluídos na lista de perdas, que novidades serão proclamadas.”

A questão que está no fundo dessa incerteza, para Valéry, é a crise de valores éticos: daí a anotação, muito perspicaz para a época – e para um homem como o poeta de “O Cemitério Marinho” – de que essa crise “se passa no reino da dissimulação”.

Mas, que “civilizações nós sabemos agora que somos mortais”?

A que “civilizações” Valéry estava se referindo?

Basicamente, aos países imperialistas da Europa: França, Inglaterra, Alemanha – com uma extensão duvidosa aos EUA, considerado a parte “europeia” da América, mas, também, sempre considerado pela elite francesa, como dizia uma personagem de Maugham, “um país de apaches”.

Durante mais de 40 anos houve uma paz, ainda que armada, injetando tantas ilusões, que até hoje existe quem chame esse período (1871-1914) de “belle époque” – uma bela época que, evidentemente, não foi conhecida pelos africanos e asiáticos, massacrados nesse mesmo período, ou pelos latino-americanos. Nem pelos milhões de europeus famintos que emigraram – sobretudo da Itália, Alemanha, Espanha, Irlanda e Suécia – nessa mesma brilhante época.

É esse mundo de ilusão que constituiu a matéria dos impressionistas, que se tornaram dominantes na pintura francesa, após a prisão, condenação e exílio do artista mais notável da escola realista, Gustave Courbet, por sua participação na Comuna de Paris.

Tomemos qualquer tela de Monet. Por exemplo, “Mulher sentada sob salgueiros” – para escolher um quadro em que existe uma figura humana, algo não muito comum em Monet.

Ou, também por exemplo, de Renoir, a “Dança no Moulin de la Galette” ou “Le déjeuner des canotiers”.

Temos ali, talvez ou quase,

a felicidade perfeita – inclusive, sem miséria, ou, melhor, sem miseráveis.

Por baixo dessa aparência luminosa, havia a mais brutal intensificação da exploração sobre os trabalhadores (que, em 1885, seria o tema do melhor romance de Emile Zola, “Germinal”), a violência cruenta para se apoderar de colônias na África e Ásia e o enrijecimento da dependência na América Latina (temas de Joseph Conrad, especialmente em “O Coração das Trevas”, de 1899, e “Nostromo”, de 1904) – e a transformação do capitalismo em capitalismo financeiro, em capitalismo monopolista.

Para as elites das capitais europeias, tinham pouca significação acontecimentos como a guerra entre a Rússia e o Japão (1904-1905), a revolução russa de 1905-1907, ou a Revolução Mexicana, iniciada em 1910.

No entanto, havia crises políticas graves, que indicavam algo de monstruoso avolumando-se abaixo da superfície. A principal, e mais conhecida, foi o caso Dreyfus, que partiu em dois pedaços (talvez mais...) a França, de 1894 até 1906.

Esse caso tem uma importância crucial para o nosso tema. Foi a primeira vez em que uma parcela da burguesia europeia rompeu com qualquer ética dentro de seu próprio país – não apenas com a ética burguesa que explicitamos com os ditos de Benjamin Franklin, mas com qualquer uma.

Alguns leitores poderão arguir que a ética burguesa sempre é falsa, hipócrita.

Mas isso, além de não ser inteiramente verdade – não são poucos os burgueses que foram (e são) coerentes com sua ética, inclusive afrontando perigos para sustentá-la – não nos faz avançar em absolutamente nada.

Há muito, Engels escreveu que “a ideologia é um processo que, é certo, aquele que se diz pensador cumpre conscientemente, mas com uma consciência falsa” (cf. Carta de Engels a Franz Mehring, 14/07/1893).

Mas Engels estava se referindo a que a ideologia – e a ética é uma ideologia ou faz parte de uma ideologia – é elaborada sem que o “pensador” tenha consciência dos verdadeiros interesses que o impulsionam nessa elaboração.

Isso não quer dizer, obviamente, que as pessoas usem a ideologia do mesmo modo que usam máscaras no carnaval.

Aliás, a primeira condição para que a ideologia tenha alguma eficácia é, precisamente, que as pessoas acreditem nela.

Logo, a abordagem do que Engels chamou de “consciência falsa” é dada pela seguinte premissa:

“Quanto mais o domínio particular, que estamos investigando, se afasta do domínio econômico, aproximando-se do domínio da ideologia puramente abstrata, tanto mais encontraremos acasos em seu desenvolvimento, tanto mais sua curva será em ziguezague. Porém, quanto mais longo for o período considerado, e quanto mais amplo for o campo tratado, esta curva será, cada vez mais, quase paralela à curva do desenvolvimento econômico” (cf. Carta de Engels a Starkenburg, 25/01/1894).

Do que se trata aqui é, precisamente, de um rompimento com uma ideologia anterior – ou com um seu aspecto, a ética – devido a uma mudança, a uma degeneração da base econômica.

No primeiro momento, na medida em que não corresponde mais aos interesses de classe, essa ética anterior



torna-se uma fantasmagoria, servindo, no máximo, para esconder o seu oposto.

Foi assim no caso das colônias, em que a exploração sem peias era feita em nome de “civilizar” africanos e asiáticos. Houve até mesmo quem postulasse, já na década de 60 do século passado, que as metrópoles haviam se sacrificado em benefício das colônias (o principal propagandista dessa posição foi Raymond Cartier; v. Jacques Valette, “La France et l’Afrique. L’Afrique subsaharienne de 1914 à 1960”, SEDES, Paris, 1994, pp. 237 e segs.).

Porém, não é esse tipo de degeneração “intermediária” – onde se continua recorrendo a uma ética, mas para fazer o contrário do que ela preconiza – que estamos tratando aqui.

O que há de específico, quanto a esta questão, nos tempos em que vivemos, é, pelo contrário, que a ética anterior não foi substituída por alguma outra, mas pela lei da selva – algo que, antigamente, não por acaso, era conhecido por “darwinismo social”, como se não houvesse diferença entre as hienas, ou as gazelas, e os seres humanos.

Não é, diga-se de passagem, a primeira vez que uma degeneração desse tipo acontece na História.

A decadência romana foi um caso desse tipo, como registrou Tácito em seus “Anais”. O que é esta grande obra, senão a história da corrupção, trulência e decadência moral da elite romana, ainda que somente em seu início, isto é, até o governo de Domiciano, encerrado no ano 96 d.C.?

Da mesma forma, algo semelhante aconteceu, também, no final do “Ancien Régime” – o período anterior à Revolução Francesa – com aqueles nobres amorais que Choderlos de Laclos retratou em “Ligação Perigosas”, ou padres e freiras devassas – como aquelas de “A Religiosa”, de Diderot.

Quase se pode dizer que, dentro da nobreza dessa

época, o marquês de Sade era apenas um exagerado (ou um indiscreto).

PANAMÁ

Hoje, revendo os acontecimentos do caso – a condenação injusta do capitão Alfred Dreyfus por traição e espionagem; o acobertamento de Esterhazy, o verdadeiro espião, pelo governo francês e pela cúpula do exército francês; a publicação, pelo editor de “L’Aurore”, Georges Clemenceau, do “J’accuse”, o libelo escrito por Emile Zola contra os acusadores de Dreyfus; a condenação, exílio e morte suspeita do próprio Zola, etc. – chama atenção um aspecto dessa época.

O que fez com que se engajassem, na defesa de Dreyfus, indivíduos até então completamente alienados da política, sobretudo, até então, alienados de qualquer política progressista?

Por exemplo, o que fez Marcel Proust – até aí um deslumbrado com a “alta sociedade” do Faubourg Saint-Germain, isto é, com os restos da nobreza guilhotinada no final do século XVIII – se movimentar a favor de Dreyfus, inclusive convencendo o escritor francês de maior sucesso na época, Anatole France, a também aderir à causa?

É pouco provável que a resposta para essa questão esteja no antissemitismo tresloucado, delirante, alucinado, dos acusadores de Dreyfus. A maior parte dos grupos antissemitas eram de um ridículo atroz – sobretudo em um país onde os judeus desfrutavam, há muito, de um razoável sucesso social, desde o ramo francês dos Rothschild até Sarah Bernhardt.

Em relação a isso, já que mencionamos Proust, destaquemos que seu pai, o notável epidemiologista Adrien Proust, tinha posição oposta a de seu filho. No entanto, o Dr. Proust, apesar de católico praticante, era casado (e bem casado) com uma judia que jamais se converteu ao cristianismo.

O que não o impedia de ser

um visceral “antidreyfusard”.

Hannah Arendt remonta a origem do caso Dreyfus ao escândalo do canal do Panamá, cinco anos antes – em que 85 mil compradores de papéis da companhia formada para a construção do canal, foram arruinados, quando a empresa quebrou, em 1889, deixando a descoberto a corrupção no parlamento e no governo francês.

Realmente, depois do escândalo do canal do Panamá houve uma onda de antissemitismo na França, estribada em que os operadores da companhia, que distribuíam propinas no parlamento, eram judeus (por exemplo, lembra Arendt: “Quanto mais incerta era a situação da companhia, mais altas, naturalmente, eram as comissões, até que, no fim, a própria companhia recebia apenas uma pequena parte dos fundos que lhe eram destinados. Um pouco antes da falência, Herz recebeu, por uma única transação intraparlamentar, um adiantamento de nada menos que 600 mil francos. Esse adiantamento, porém, foi prematuro. O empréstimo não foi realizado, e os acionistas simplesmente haviam perdido 600 mil francos”).

O objetivo de Arendt, ao remeter a origem do caso Dreyfus ao escândalo do canal do Panamá, é sublinhar a importância do antissemitismo – o capitão Alfred Dreyfus era um milionário judeu, assim como seus irmãos e sua esposa, também herdeira de uma rica família judia, até mais rica que os Dreyfus.

A tentativa de Arendt não seria importante, se Emile Zola, uma das figuras mais destacadas do caso, não tivesse feito o mesmo, em 1898. Mas Zola fez isso para destacar que, atribuir a culpa das fraudes aos judeus em geral, foi o modo de deixar impunes os principais culpados.

MINISTÉRIO

Talvez uma parte da resposta sobre o engajamento de tantas pessoas inesperadas na defesa de Dreyfus, esteja nos seus inimigos. Como disse uma contemporâ-



A humilhação de Alfred Dreyfus em 5 de janeiro de 1895

nea dos acontecimentos, em 1901:

“O caso Dreyfus despertara todas as forças reacionárias latentes na França. O militarismo, esse velho inimigo da classe operária, se mostrara de corpo inteiro, e era necessário dirigir todas as lanças contra esse corpo. Pela primeira vez se convocou a classe operária a combater em uma grande batalha política. Jaurés e seus amigos conduziram a classe operária à luta, abrindo assim uma nova era na história do socialismo francês” (Rosa Luxemburgo, “A crise socialista na França”, in O.E., Ed. Izq. Rev., 2008, p. 106).

Apesar das concessões posteriores de Jean Jaurés, líder dos socialistas franceses, que Rosa Luxemburgo critica, é verdade que o caso Dreyfus foi a primeira “grande batalha política” em que a classe operária interveio – e vitoriosamente – depois da Comuna de Paris, mais de vinte anos antes.

Notemos, sobre isso, que a menção ao militarismo como “velho inimigo da classe operária” tinha uma significação específica, na época em que Rosa Luxemburgo escreveu esse texto: o ministro da Guerra da França, a partir de 1889, e pelos 11 anos seguintes (ou seja, no auge do caso Dreyfus), era o general e marquês de Galliffet, o açougueiro da Comuna de Paris, que, em 1871, submergira em sangue a capital francesa.

Um aspecto algo negligenciado (embora presente) nas obras sobre o caso, é que, se é verdade que o caso conduziu quase a uma situação revolucionária na França, isso se deu porque a burguesia se dividiu.

Em outras palavras: o caso Dreyfus foi, no primeiro momento, uma luta dentro da burguesia francesa, uma luta pela hegemonia entre as frações da burguesia.

Daí a ação, na defesa de Dreyfus, dos “republicanos radicais” – que passarão a ter, a partir desse caso, como principal nome, Georges Clemenceau. É compreensível que Hannah Arendt diga que o herói do caso “não é Dreyfus, mas, sim, Clemenceau”. Mas seu julgamento é demasiado influenciado pela figura algo tola do próprio Dreyfus, “que se gabava junto aos seus amigos das altas somas da fortuna da família que gastava com as mulheres”.

Numa república em que o presidente, Felix Faure, era rei nos bordéis – sua morte, em 1899, no Palácio do Eliseu, quando se relacionava com uma amante casada, a poucos metros do cômodo onde estava a sua esposa, provocou mais comichida que espanto –, o comportamento de Alfred Dreyfus era próximo ao do burguês-padrão que Zola fixou em “Nana” (1880).

Mas, os inimigos de Dreyfus conseguiram, com sua falta de escrúpulos, com seu total desprezo pela verdade, com seu rompimento em relação a qualquer princípio civilizado, escandalizar boa parte da própria burguesia francesa.

Pois jamais aquilo acontecera, desde finais do século XVIII, isto é, desde a Grande Revolução: foi em nome da “ordem”, de sua preservação, que mais de uma revolução fora esmagada na França, durante o século XIX.

Porém, o que ocorria agora, de 1894 em diante, é que os apologistas da “ordem” estavam, eles mesmos, rompendo abertamente com a ordem – inclusive com a ordem jurídica, tão cara, até então, aos burgueses da França.

Continua na página 6